ACQUA TOFFANA

Patrícia Melo

ROCCO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Patrícia Melo

ACQUA TOFFANA

ROCCO

Disponibilização: Baixelivros.org

Copyright © 2010 *by* Patrícia Melo

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

PROJETO GRÁFICO
Fatima Agra

CONVERSÃO PARA E-BOOK
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M486a

Melo, Patrícia, 1962-
Acqua toffana [recurso eletrônico] / Patrícia Melo. – Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
recurso digital (Selo Rocco digital)

Formato: PDF e e-Pub
Requisitos do sistema: Windows XP ou MAC
Modo de acesso: Adobe Digital Editions
ISBN 978-85-64126-24-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

10-6555 CDD-869.93
CDU-821.134.3(81)-3

Para o Hugo

Um

1

Um vidro se espatifa no banheiro.

Acordo. Há alguém dentro de casa. Não. O barulho estava dentro do sonho. Eu estava sonhando com o Rio de Janeiro, corria no Leblon, atropelei um carrinho de bebê, o recém-nascido caído no asfalto, a mãe, paf, me deu um tapa na cara. Não tinha barulho de vidro se quebrando. Há um homem dentro de casa, eu não sonhei barulho nenhum. Vou até a porta, colo meu ouvido à madeira. Nada. Nenhum barulho. O barulho está dentro de mim. Não. Pode ter sido no andar de cima. O barulho era muito próximo. Foi no meu banheiro, eu tenho certeza. Impossível. Eu sonhei. Acordei quando o carrinho rolou. Estranho, no sonho, nada se quebrou. A criança. Não tinha vidro.

Não tem ninguém em casa, preciso parar com isso. Medo do quê? Quem pode estar aqui? Não tem ninguém em casa, bobagem, está tudo trancado.

Abro a porta do quarto. Tudo em ordem. Vou andando pelo corredor, pés descalços. Tudo em ordem. Não há ninguém em casa.

Dou meia-volta, o banheiro, tudo em ordem. Entro no quarto, tranco a porta. Viro-me e vejo um homem ao lado de minha cama. É negro, tem um revólver na mão. Ele dá um tiro, meu corpo cai, não acertou. O sangue, puta merda, ele me atingiu. Onde? Nossos olhos se cruzam. Animais. Outro tiro, não sinto nada. Acertou de novo, barriga. Ele destranca a porta, foge. Eu vou morrer e tudo será igual sem mim. Comedor de cadáveres! Engole o meu sangue também. Canalha!

Islands in the stream, 00:45. Deve acabar às 3h. 1977, 110 minutos. Direção: Franklin Schaffer. Claire Bloom, David Hemmings etcétera. O pesadelo aconteceu em dez minutos, no intervalo, eu estava vendo a chamada de um filme policial, Charles Bronson com o pé na garganta de

um infeliz: “Diga adeus, desgraçado.” Três tiros.

Não consigo dormir. Meu medo é biológico, começa sempre depois que Rubão sai de casa, atravessa a noite, as noites, as passadas e as amontoadas no futuro. Queda de avião. Dormir sozinha. Rubão não voltar nunca mais ou qualquer outra variação do abandono. Morrer afogada ou queimada. Medo de perder. Medo de Deus. Da vingança de Deus. Não tenho muito caráter com Deus. De dia, quero que ele se foda, e à noite quero que ele exista e me proteja. Acabei de assistir a *Shark’s paradise*. 94 minutos. Direção: Michel Jenkins. Mar também é uma categoria do meu pavor. Mar que é avesso do mundo e imensidão líquida, mar que é a imagem da demência e da morte, eu li isso em algum lugar e é verdade, mar é o avesso.

Barulho na cozinha. Barulho psicológico, eu imagino. Tranquei as portas da sala, cozinha, corredor e banheiro. Meu quarto não é seguro, coloco móveis para reforçar a barreira que me separa do resto da casa. O telefone está bem ao meu lado, polícia 190. A viatura, eu sei, não vai chegar a tempo. Posso ser assassinada. Estuprada. Esfaqueada. Estrangulada.

Odeio o barulho de uma casa vazia. Paz fabricada. Sempre achei o silêncio um mau presságio, ato subversivo de forças malignas.

Quando nos casamos, ele me levava. Isso foi bem no começo. Ele trabalha à noite no Canal 8, edita o programa *Fornada especial*. A apresentadora é um monte de pano franzido, pregas, godê, tudo bata, uma gorda solta, que se comporta com muita naturalidade, cento e oitenta quilos de naturalidade. Dizem, no estúdio, que ela não sabe fritar um ovo. Foi escolhida porque é gorda natural. Gosto das receitas dela, minhas queridas. Eu ficava vendo a edição, eu sei tudo, sei editar.

Ilha de edição, Canal 8 de televisão. Programa *Fornada especial*. Madrugada quente. Uma moça está sentada com a preocupação de ocupar o menor espaço possível naquele cubículo tecnológico. Olhos verdes. Ela sou eu. Ao meu lado, um homem coloca caracteres nas imagens. Passam dois editores, olham o casal e mostram todos os dentes num sorriso

nojento.

RUBÃO Você viu outro editor que faz isso?

EU Eu não consigo dormir.

RUBÃO Eu não entendo. Do que você tem medo?

Lembrei de uma entrevista que li no jornal, uma prostituta de luxo dizendo que o namorado chorava toda a noite, mas que ela tinha muitas contas a pagar. Eu chorei muito. Mas ele tinha muitas contas a pagar. Nunca mais Rubão me levaria. Era ridículo eu ficar assistindo à edição. Era ridículo eu ter medo de ficar sozinha. Era ridículo, ele dizia. Esse foi o nosso primeiro nódulo matrimonial.

Quando acaba a programação, fico na janela. Altura é uma categoria especial do meu pavor. Talvez a mais sofrível, passo muito tempo na janela. Se conseguirem destrancar todas as portas e entrar no meu quarto, ainda posso gritar para alguém na rua. Fico olhando o chão, meu corpo se debatendo nos toldos até chegar na calçada. Seria uma sorte cair numa copa frondosa. Quem se joga do décimo quinto pensa em alívio e não em salvamento. Eu não me joguei, eu caí, fui atirada, me empurraram. Eu mergulhei, para falar a verdade.

Em vinte minutos, passaram dois carros. Vejo meu marido entrar na garagem. Volto à superfície aliviada. Tiro os móveis que bloqueiam a porta e vou nadando até o elevador. Ele me encaixa na cintura e me coloca na mesa da cozinha. Encharca meu sexo de vodca, bebemos. Diz coisas que não vou esquecer. Nunca. Dormimos concentrados numa solução de sal, vodca e porra até duas, três da tarde.

18:45. Ele me beija. “Tchau, amor.”

2

Eu ainda não sei o seu nome. Otávio. Doutor Otávio, meu marido não vale nada.

Duas pastas. Um telefone. Um cinzeiro de plástico com seis pontas de Hollywood. Um papel rabiscado. No anular, anel dourado com pedra vermelha. Os dedos se abraçam. Ele está interessado no que eu estou contando.

Um camafeu. Esse foi o primeiro presente que eu ganhei do Rubão. Não é joia. É bijuteria de bom gosto. Ele costumava chegar em casa às 4h. Nesse dia, chegou às 7h. “Tive problemas na edição.” O frango queimou, eu disse. Ele riu e me deu o camafeu. Eu queria que nossa história acabasse assim, ele rindo e me dando o camafeu.

“Eu vou dar uma saída, preciso resolver umas coisas.” Quando ele fala daquela forma, não o conteúdo, o tom, os olhos, eu sei o que é. Dor.

Rubão tem oito anos. Está sentado na poltrona, balança as pernas. Seus pés não alcançam o chão. A mãe aparece. Ela beija sua testa e diz: “Vamos, querido.”

Rubão, agora homem-feito, estaciona o carro na Bela Cintra, esquina com alameda Itu. O zelador o conhece há quinze anos. Ele sobe dois lances de escada e toca a campainha. Helena abre a porta. O pai, sentado na poltrona, manta nas pernas, assistindo televisão: “Quem é?” Helena pega o dinheiro das mãos de Rubão, fecha a porta rapidamente e responde: “Ninguém.”

O delegado examina o camafeu. Estou nervosa.

Seu Otávio, doutor Otávio, quando ele falou que precisava resolver algumas coisas, pensei que fosse isso. Às vezes, ele vai lá depois de uma noite inteira editando. Estaciona o carro um pouco mais longe e fica esperando Helena aparecer com o velho, os dois caminhando sob o sol. Já vi seus olhos umedecerem. “Quem é Helena?”, perguntou o delegado.

Helena é a mulher que cuida do pai do Rubão. Eu sempre achei que Helena é apaixonada pelo velho. O Rubão ri quando eu falo isso. Impossível uma mulher amar seu pai.

O delegado é marrom-acinzentado, parece muçulmano, tem olheiras, bigodes, olhos de sapo. Fala para dentro do seu próprio pulmão: “Quando você começou a perceber mudanças no comportamento do seu marido?”

As coisas começaram a piorar exatamente na hora em que ele me disse: “Vou dar uma saída. Preciso resolver umas coisas.” Foi há dois meses. Minhas tardes passaram a ser ocupadas por reprises. Vi quatro vezes *The tall men.* EUA. 1955, 122 minutos. Com Clark Gable, Jane Russel e grande elenco. Ele saía todas as tardes. Não ficava mais comigo na cama, fazendo sexo, comendo pipoca e ouvindo Stevie Wonder. Ele gostava de dançar aquela música: “You are the sunshine of my life.” Às vezes, a gente ficava na cama o dia inteiro, sexo três, quatro vezes sexo. Eu era inteiramente feliz. Ele gostava de sexo oral, uma fruta cheia de água, ele dizia. Uma mulher desidratada cede completamente. Sexo sempre com a televisão desligada. Ele me proibia. Dizia que aquilo era demais: “Como você consegue ver estas porcarias?” De vez em quando, eu espiava *Fornada especial* para ver o estilo da edição. Estava piorando muito.

Cattle drive. EUA. 1951. 72 minutos. Direção: Kurt Neumann. Bois desfilando na tela. Eu sozinha na cama. Ele telefonava dizendo que não ia voltar, não deu tempo etcétera. Bois.

Durante uma semana inteira assisti à sessão da tarde. *Niagara* com Marilyn Monroe. EUA. 1953. 89 minutos. As loiras têm um estranho destino, isso o cinema me ensinou.

Teve uma época em que meu pai só tomava White Horse e escutava Frank Sinatra. Hoje eu acho que ele estava sofrendo de amor. Quando estou sangrando só quero White Horse and Frank Sinatra. Delegado, presta atenção: eu estava infeliz, mas isso era tudo. Eu não entendia, mas isso era tudo. Eu me sentia triste e isso era tudo. Nada que um WHITE HORSE não pudesse superar. Rubão continuava me trazendo presentes. Veja.

O delegado me observa. Braços nus, músculos, vinte e dois anos, olhos claros. Coloco sobre a mesa: uma corrente de ouro, uma fivela feia, um cinto de roqueiro. Ele me dava estas coisas. O delegado vasculha meus olhos, quer dizer alguma coisa, todos dizem. Observa a fivela, o cinto. “E então?”

Descruzo as pernas, tenho vontade de chorar. Um dia, delegado, ele chegou em casa usando uma camiseta nova. Por quê?

ELE Um azar. Eu estava entrando no banco, estão pintando a fachada, o pintor espirrou tinta na minha camiseta. Tinta azul. Fiquei puto. Comprei essa camiseta, achei melhor.

Até esse momento, eu era infeliz e isso era tudo. O amor não se dissolve, o amor acaba. Como alguém que é atropelado e morre instantaneamente. Acaba assim, o amor. Quem percebe isso ainda tem chance. Quem não percebe vai de graça até o inferno. Eu não percebi. Voltei cada palavra: AZAR. COMPREI ESTA CAMISETA. ACHEI MELHOR. A palavra AZAR entregou tudo. Se houvesse caído tinta, ele não diria daquele jeito tão civilizado. Não foi azar. ELE não ficou puto. EU fiquei. ELE não teve azar nenhum. EU tive. ELE apenas mentiu. EU aceitei, quieta.

Estava passando *The spy with a cold nose.* Inglaterra. 1966. Desliguei a televisão e comecei a cuidar da minha vida.

3

O delegado é um desses sujeitos que desprezo. Estufado de comida e gases. Quando pode, enfia os olhos dentro do meu decote. “Aonde a senhora quer chegar?”

Está tudo muito confuso, delegado. Quero esclarecer tudo. Quero ajudar a polícia. O senhor gosta de reprises?

Rubão tem oito anos. Está sentado na poltrona, seus pés não alcançam o chão. A mãe aparece. Atrás dela, há um homem sem camisa, pés descalços. Rubão não tira os olhos da mãe. Ela beija sua testa e diz: “Vamos, querido.”

O senhor viu aquele homem, doutor Otávio? Aquele que estava atrás da mãe de Rubão, sem camisa? Rubão nunca me falou sobre ele, mas Helena me contou. Helena também me contou que era mentira: Rubão não estava indo visitar o pai todas as tardes. Ele foi lá no mês passado, entregar dinheiro. O pai não quer saber do Rubão. Há muito tempo. Era mentira.

Nosso carro está estacionado na esquina com a Itu. Ainda estou atordoada. Então o Rubão está mentindo, eu pensei. Bati a porta e dei partida. Foi quando eu vi. Um sapato de mulher embaixo do banco. Um único pé. Tremi, doutor Otávio.

Eu já disse que tenho medo de ficar sozinha. Odeio silêncio. Não quero que eles saibam que estou em casa e que estou viva. Porque se os assassinos pensarem que estou morta, estarei salva. Não tem assassino nenhum, eu sei. Está tudo trancado. Cadeado, trancas, ferrolhos, tudo. Todas as portas. As janelas também. Antes de trancar a porta do quarto eu olho embaixo da cama para não correr o risco de ficar sozinha no quarto com o assassino.

Naquela noite eu vi o filme *The duelists.* Inglaterra, 1977. Direção: Ridley Scott. Odeio Keith Carradine.

O telefone tocou, pensei que fosse o Rubão. Desligaram. Fizeram isso mais três vezes. O senhor me perguntou quando eu comecei a perceber mudanças no comportamento do meu marido. Eu respondo. Os frequentes passeios, a mentira, a camiseta, o sapato e agora os telefonemas. Não são mudanças? Não são mudanças. São sinais. Ele continuava igual, eu poderia dizer. Carinhoso, presentes. Mas já havia sinais, avisos, é o que eu quero dizer.

4

O delegado é cinza-azulado. Está indeciso. Não sabe se acredita nas minhas palavras. Pensa que sou mais uma doida que aparece aqui. Acende um cigarro. “Você sabe o que está falando?” Sei exatamente. Escute.

Às vezes, delegado, tenho a impressão de estar me aliando aos meus inimigos contra mim. Minto. Não é uma impressão. É um velho costume. Eu poderia ter contratado um detetive, mas havia uma inexplicável necessidade de sangrar. Eu me traio sempre.

“Tchau, amor.” Ele me beijou e se foi. O beijo já tinha outra qualidade, era industrial. Nosso sexo também já tinha entrado na era industrial. Tchau, amor, igualmente industrial. Ele era o operário do casamento e se despedia de sua mulherzinha. Atrasado e preocupado, como todo industrial.

Eu o segui, pensando que esse também era um comportamento da esposa industrial. Seguir o marido, pegá-lo na cama com outra e torturá-lo industrialmente. A operária do casamento também deve fazer sua parte. Ele estacionou na alameda Santos. Entrou num restaurante (péssima escolha). Sentou-se na última mesa, ao lado de uma loira. Ela era charmosa, uma das mãos ocupada com a gargantilha dourada. A outra, ele acariciava. Beijava. Várias vezes.

Quando o casamento atinge a fase industrial, a traição não faz sofrer. É um recurso do controle matrimonial, disse minha mãe. Esqueça. Domine-o. Seja feliz. Mas eu não queria o controle matrimonial. Queria que ele me amasse. Três, quatro vezes sexo, por dia. Queria Stevie Wonder. Pipoca. “You are the sunshine of my life.” Queria o casamento artesanal.

Depois do almoço, segui a mulher. Parou num predinho em Pinheiros. O porteiro, subornado, entregou a ficha: Leila, trinta anos, bancária, solteira.

Eu tenho vinte e dois anos, delegado. Isso não importa, mas eu tenho vinte e dois anos. E ela, trinta. Quando ela tinha oito, eu nasci. Quando ela tiver quarenta, eu vou ter trinta e dois. Uma mulher de trinta e dois é muito diferente de uma mulher de quarenta, não é verdade? É esta a diferença. Como Rubão não pensava nisso?

Voltei para casa e tranquei: as portas da sala, da área de serviço, da cozinha, da cozinha para o corredor, do corredor para o banheiro, do corredor para o quarto. Ferrolho, trancas, travas, trincos, cadeados. Tranquei tudo. Liguei a televisão.

O nome do filme era *Antonieta.* Direção: Carlos Saura. A primeira cena é assim: uma apresentadora de programa culinário acaba de preparar um prato. O programa é ao vivo. Ela retira o frango do forno, dá algumas dicas e finaliza com um texto do tipo: “Chegamos ao fim de mais um programa, minhas queridas amigas, e, antes de me despedir, quero mostrar algo que vocês nunca viram antes.” Então, ela pega um revólver que estava escondido na bancada e dá um tiro na cabeça, ao vivo, minhas queridas. Assim começava o filme. Fiquei pensando na minha amiga da *Fornada especial.*

À meia-noite o Rubão me ligou. Eu estava silenciosa. “O que você tem?”

“Estou triste”, respondi.

“Por quê?”

“Porque não gosto de ficar sozinha.”

Eu tinha medo de contar que sabia que ele tinha uma amante. Isso também pode acontecer com um casamento industrial: o operário sai de casa e larga a mulher sozinha na fábrica, com aquele monte de equipamentos matrimoniais. Como é que eu dormiria? Era preciso pensar melhor.

Dois ou três dias depois, resolvi que iria conversar com Leila, a amante. Eu queria ser como a Virginia Madsen naquele filme *The hot spot.* EUA, 1990. Direção: Dennis Hopper. Aquelas americanas que têm os sentimentos impermeabilizados, mascam chiclete o tempo todo, andam de tamancos altos e dizem para as rivais: “*Hei girl, get out of my way.*” Leila

abriu a porta, tinha acabado de se levantar.

LEILA Pois não?

EU Eu sou a mulher do Rubão.

LEILA Perdeu seu tempo. Ele não está aqui.

EU Você acha que eu perdi meu tempo?

LEILA Acho. Eu nem sei quem é o Rubão, para falar a verdade.

Levou o primeiro tiro quando falava a palavra verdade. O segundo, nem lembro. Depois o terceiro, o quarto e o quinto. Estrebuchou e morreu.

Drop-out. Eu estava a caminho da casa de Leila, quando notei o disparo na imagem, um defeito de gravação. Tive de gravar de novo. Vou contar exatamente como foi.

Prédio de Leila. Externa. Dia.

PORTEIRO A senhora não ficou sabendo? Ela morreu faz dois dias. Foi assassinada. Abusaram dela e tudo. Foi encontrada pelada num terreno aqui perto, sem roupa, machucada. Abusaram muito dela. Foi uma judiação o que fizeram com a dona Leila. A polícia está procurando o homem. Uma judiação mesmo. É por isso que eu sou a favor da pena de morte. A senhora não acha?

Eu queria que isso fosse um *drop-out.* Mas não era. Leila foi assassinada. Rubão arrasado. Rubão viúvo. Rubão nunca mais meu. Ela tinha uma terrível vantagem sobre mim: estava morta. Nesse estágio amoroso, a morte eleva o amante à condição de perfeito, sublime. *Rebecca, a mulher inesquecível.* Não me lembro o país. O ano. Nem o diretor. Isso não é comum, tenho facilidade para guardar números e nomes.

Cheguei em casa e Rubão estava lá, assistindo televisão. Aquelas reportagens, catástrofes, incêndios, acidentes, terremotos, guerras, edição especial. Enchente. Perdeu o filho de três anos. Perderam a casa. Houve explosões. Perdeu a mulher. Queimou tudo. Perdeu tudo. As duas pernas. Morreu, queimou, afundou, explodiu, acabou o mundo. E o repórter perguntando: “Como você está se sentindo?” Autópsia sentimental dos

sobreviventes, é o que querem os telespectadores. Como se sente seu pulmão? E seu fígado? A dor ataca onde exatamente?

Eu queria fazer isso com o Rubão. Morreu, afundou, explodiu, acabou o mundo. Houve explosões. Queimou tudo. Perdeu tudo. O que você está sentindo, Rubão? Em números, por favor. Grau de tristeza, de sofrimento, gráficos da solidão. Em números, dólares, quanto foi? Quanto foi que eu perdi nessa merda?

"O que foi?", ele me perguntou. "Você está estranha."

Isso eu achei estranho. Ele estava normal. Falou normal. Me olhou normal. Não estava sangrando. Quis me abraçar, agora que ele não tem Leila. Ou ele não sabe que Leila morreu? Talvez ele esteja apenas estranhando, telefona há dois dias, ela não atende. Ou eles marcaram um encontro, ela não foi, ele ficou com raiva e resolveu dar o troco amoroso.

Ele me puxou para a cama. Queria sexo industrial.

"O que você tem?", ele me perguntava.

Tive vontade de contar que Leila morreu. Mas ele tirou minha roupa, segurou meus pulsos contra a cama e me beijou. Explodiu, queimou, afundou, morreu. Tenho vontade de chorar quando lembro dele me invadindo. Daqueles músculos concentrados na invasão. Três, quatro vezes sexo. Sexo oral desidrata, eu sinto. Quando eu estava saindo do quarto, ele me encostou na parede, me levantou, me penetrou e fizemos sexo novamente contra a parede. Contra Leila. Contra o casamento. Contra o amor. Sexo apenas. Sexo artesanal. Leila não era nada. Rubão era meu, foi o que pensei. Sexualmente meu. Fizemos pipoca e dormimos toda a tarde.

5

As mulheres existem para que os homens se meçam, li isso em algum lugar. E para que se fodam também, completei. Principalmente para que se fodam. As mulheres existem para que os homens se meçam e para que se fodam. Para que estraçalhem suas vidas, para que joguem tudo no esgoto, para serem roubados, enganados, traídos, apunhalados pelas costas, esfaqueados e enrabados. Para isso existem as mulheres, seu delegado. Eu sou uma perdedora no amor. Sempre ataquei e sempre fui devorada pela indiferença dos homens. Isto é um depoimento, o delegado espera lágrimas, mas eu mostro apenas meus dentes. Eu sei o que ele pensa. Que não sou uma perdedora no amor. Que nunca ataquei e nunca fui devorada pela indiferença dos homens. Que os homens me amam. Que me cortejam. Que se jogam no chão para eu pisar. Que ele, o delegado, faria qualquer coisa para me comer aqui nessa mesa cheia de sangue. Doutor Otávio, o senhor pode fazer sexo comigo quantas vezes quiser, mas nunca vai conseguir me amar. Eu não sou uma mulher amável. Sempre me dei mal com os homens. Rubão foi o único homem que me amou. E agora eu estou aqui traindo Rubão. Eu fui útil para que meu marido se medisse, mas principalmente para que ele se fodesse. Estou aqui, delegado, para entregá-lo ao senhor. Para estraçalhar, jogar no esgoto, para roubar, enganar e apunhalar pelas costas. É isso que estou fazendo com Rubão.

Um conselho, seu delegado: nunca confie numa mulher que saiba cruzar as pernas.

Leila não sabia cruzar as pernas, notei isso no restaurante, no dia em que segui meu marido. Depois que ela morreu, meu casamento voltou ao normal. Tardes horizontais, três, quatro vezes sexo e noites televisivas. Rubão parecia não saber da morte de Leila, pelo menos não demonstrava o menor sinal de tristeza. Eu estava feliz. Gostava de estar casada. Tinha uma casa trancada. Tinha uma televisão. Tinha alguém para me proteger

dos assassinos, estupradores, falsas domésticas, trombadinhas, assaltantes, psicopatas, saqueadores e polícia. Essa é a vantagem do casamento. Alguém para te proteger de homicídios, infanticídios, maus-tratos, abandonos, desinteligências, brigas, ameaças e conflitos. Calúnias, pungas, incêndios, explosões e inundações.

"Vou dar uma saída. Preciso resolver umas coisas." Ele me disse isso no sétimo dia. A mesma frase, a mesma entonação, a mesma intenção de me enganar. Achei que Rubão queria ir à missa de sétimo dia de Leila, fui correndo chorar no banheiro. Ele vai lá, vai se ajoelhar, vai chorar, vai rezar pela alma dela, pelo corpo que ele penetrou e explodiu. Vai rezar para Deus receber e guardar tudo aquilo até o dia em que ele possa ir ao encontro de Leila, para os dois usufruírem a eternidade no céu, com muito sexo, vodca e Stevie Wonder. Isso me revoltou. Rubão nunca rezou por mim. Rubão me expunha ao perigo me deixando disponível todas as horas da noite, todas as noites da semana, exatamente na carga horária de trabalho dos criminosos. Eu nunca vi Rubão pedir a Deus para me guardar. Para me poupar. Para evitar. Eu só podia contar com as chaves. Com os cadeados. Com os trincos. Ferrolhos. Trancas. Olhos mágicos. Se eu quisesse contar com Deus, eu que me ajoelhasse, sangrasse e pedisse. Rubão só rezava para Leila.

Entrei numa depressão profunda. Falava com Rubão o mínimo possível, só chorava and White Horse and Frank Sinatra. Rubão fazia rondas nas minhas vísceras para descobrir alguma coisa. Eu não tinha coragem de falar, com medo de acabar sozinha na fábrica matrimonial. Não conseguia disfarçar. Resolvi matar meu gato para poder chorar à vontade. Joguei o Vico do décimo quinto andar e disse para Rubão que ele tinha caído, que Vico tinha se jogado, se matado, que Vico era infeliz comigo e que eu me sentia uma merda de pessoa que não consegue nem amar um gato. Eu tinha motivo para chorar e Rubão me deixou sofrer à vontade, sem fazer perguntas, sem olhares estranhos. No mesmo dia em que eu assassinei Vico, seu delegado, meu marido me deu essa gargantilha dourada. *Five easy pieces.* EUA. 1970. 98 minutos. Direção: Bob Rafelson. Casamento infeliz de Jack Nicholson e Karen Black.

Quatro horas da madrugada, eu deitada na cama, Rubão chega, me abraça e mostra a gargantilha dourada.

RUBÃO Olha o que eu achei no chão. Trouxe para você.

A bijuteria está agora nas mãos do delegado, que a examina fingindo ser inteligente. “O que há de errado com essa gargantilha?”

O senhor não viu?

Rubão estacionou na alameda Santos. Entrou num restaurante (péssima escolha). Sentou-se na última mesa, ao lado de uma loira. Ela era charmosa, uma das mãos ocupada com a gargantilha dourada.

Olha lá a gargantilha dourada, está vendo? Era de Leila, a que ela estava usando no dia em que segui Rubão. Ele me deu a gargantilha de Leila. Pior. Tirou toda a minha roupa, peça por peça, muito lentamente. Eu estava nua, de pé, disponível. Ele me virou de costas, me colocou a gargantilha, lambeu toda a minha região sexual. Fizemos sexo assim, só de gargantilha. Sexo anal, com creme e violência moderada.

Eu chorava, não entendia o que estava acontecendo. Mas já sentia um forte cheiro de merda.

6

O delegado acende um cigarro e a fumaça vem na minha cara. “Como esta gargantilha foi parar nas mãos de seu marido?” Um grosso. “Onde o seu marido estava na hora em que Leila foi assassinada?” Silêncio. “Você acha que o seu marido matou Leila?”

Coloque na sua cabeça, doutor Otávio: o umbral de dor de uma mulher é baixo, bem baixo.

Até acontecer tudo isso, eu quase não saía de casa. Pedia pizzas pelo telefone. Rubão sempre me trazia chocolates, vodca, coca-cola e pipoca. Quando acabavam sabonetes e shampoos, eu fazia a lista e Rubão comprava. Não gosto de sair de casa. Quem tem telefone e televisão não precisa sair de casa. Trinta pessoas assassinadas por dia. Dez carros roubados a cada vinte minutos. E mordeduras de cães, porte ilegal de armas, lenocínios, subornos, embriaguez, suicídios, vadiagem, mendicância e diversos. A realidade é uma bosta. Ir ao banco é uma bosta. Contas, crianças, cheques, filas, faróis, açougues, prazos, almoços, partos, faxinas, isto tudo é uma bosta. São fezes. Fezes, do latim *falcis*, que é fazer. Portanto fazer essas coisas significa merda. A realidade é uma merda intransponível. Sou nocauteada pela realidade diariamente. Eu não sei ir ao banco, eu não sei ficar numa fila, eu não sei fazer supermercado, açougue, eu não consigo cuidar de uma casa, ter empregadas, dirigir um carro, isso inflama meus nervos, me deixa transtornada, incapaz, doente, raivosa e esgotada.

Eu evitava sair de casa. Às vezes, ficava quinze, vinte dias trancada. Mas eu precisava descobrir o que estava acontecendo com Rubão. Andava pelas ruas, me sentia uma porcaria, resto, zero. Qualquer coisa, um chiclete amassado no asfalto, um neguinho dormindo, tudo me parecia melhor que eu. Eu comparava tudo a mim. Uma mulher dentro do carro, no farol. Ela e eu. Quem era melhor? Uma gorda no ponto de

ônibus, um velho sentado na sarjeta, um cachorro, todos eram melhores que eu.

Procurei Helena, disse a ela que queria conhecer o pai do Rubão. “Nem pensar.” Eu preciso falar com ele, Helena. “Não.” Sempre não. Infinitamente não.

Helena é hemorrágica, quer sangrar a todo momento.

Helena sangra.

Rubão tem oito anos. Seus pés não alcançam o chão.

Fica balançando as pernas finas, sentado na poltrona, esperando. A mãe aparece, ágil, decidida, as duas mãos ajeitando o cabelo. Atrás dela há um homem sem camisa, pés descalços, lobo. Ele tenta segurá-la, palavras e garras. Ela se assusta e o empurra. Rubão chora. Ela beija sua testa e diz: “Vamos, querido.”

Helena pediu para eu ir embora. Voltei para casa, a tristeza me comendo viva. Deitei, minha pressão estava baixa. Rubão foi até a padaria, comprou chicletes, pão de queijo fresquinho. Deitou-se ao meu lado e disse que gostava da nossa vida. Gostava dos nossos programas. Do nosso sexo. Perguntou por que eu não ia ao cinema. Disse também que eu poderia visitar uma amiga, sair de casa. Não tenho amigas, eu disse. Ele segurou minha mão, beijou a ponta dos meus dedos. Ficamos abraçados, a televisão ligada.

Plein soleil. França/Itália, 1960. 15:30. Toca o telefone. Rubão atende, fala baixo para eu não ouvir. Coloca o fone no gancho e me avisa que vai para a emissora mais cedo, deu merda no programa editado na noite anterior. Eram 15:30, doutor Otávio. A esposa industrial segue seu marido até a rua Clélia, na Lapa. O operário da traição estaciona o carro perto do Sesc Pompeia e aguarda. Passam dez minutos, uma mulata se aproxima, entra no carro. Eles se fundem e arrancam para uma tarde sexual.

“Quem é a mulata? Eu quero fatos. O que a gargantilha tem a ver com isso tudo? E a Leila? A senhora poderia ser mais objetiva?” O delegado está perdendo a paciência.

Eu o encaro, estou séria, lúcida, sei o que estou dizendo. Delegado,

meu marido é um assassino. Meu marido é o estrangulador da Lapa.

7

White line fever. EUA. 1975. Com Lou Diamond e Rosana DeSoto. “Interrompemos nossa programação para uma edição extra.” A repórter está bem no meio do caminho, entre o camburão e o acesso ao terreno baldio, atrapalhando a movimentação dos policiais. “A polícia acabou de encontrar o corpo de Conceição Fonseca dos Santos, desaparecida desde a tarde de ontem. Conceição deixou seu trabalho por volta das 15:30 e não voltou para casa. À noite, a família comunicou o desaparecimento à 6ª delegacia de polícia. Segundo os policiais, Conceição foi violentada e estrangulada com requintes de crueldade. O assassino arrancou fora o seio esquerdo da vítima...”

A repórter continua a falar bolhas. Vejo as fotos de Conceição que ilustram a matéria. É a mesma mulata que vi entrar no carro de Rubão.

Minha casa está trancada. Portas, janelas, cadeados, ferrolhos, trancas, travas. Estou no meu quarto, deitada na cama. Rubão está ao meu lado, vendo televisão. Estou trancada com o assassino no meu quarto. Ele come pipoca e vê a matéria sobre a mulata que ele penetrou e explodiu. E estrangulou. E arrancou o peito esquerdo. Ele come pipoca normalmente, pisca normalmente, olha a televisão normalmente. Não estou assustada. Não estou decepcionada. Nem suores. Pesadelos. Tremores. Nada. Nem revoltada. Não estou com medo. Estou com ciúme. Ciúme, delegado, é pior que medo. Pior que assalto, sequestro, estupro e duplo homicídio. Ciúme parece úlcera gastroduodenal, muitas vezes pode-se até confundir ciúme com úlcera. Hipersecreção ácida. Você pensa que tem úlcera, mas tem ciúme gastroduodenal. A *helicobacter pylore* se instala na cripta gástrica e provoca feridas na região. O ácido vai corroendo o órgão, os órgãos, e aumentando a lesão. As células constroem uma bomba de ácido que faz estragos incalculáveis quando é detonada. A minha acabou de explodir justo na sua mesa, seu delegado. Eu sou uma fábrica de ácido. É

ácido o que estou jogando no senhor.

Às vezes, a televisão aproveita os buracos do meu pensamento e me enfia a repórter suja de sangue. O velho, sem dentes, olhos miúdos, abre a porta e diz para o microfone: “A senhora quer tirar retrato? Minha filha dormia ali. Mataram a minha filha. Bota isso na televisão.”

Autópsia sentimental dos sobreviventes, é o que querem os telespectadores. Adoramos edições extras. Guerras, atos obscenos, falsificações. Cadê a pólvora em volta do ferimento? Qual o trajeto do projétil? Pegou o pulmão? Coração? A dor ataca onde exatamente? Eu queria fazer isso com Rubão. Morreu, afundou, explodiu, acabou o mundo. Queimou tudo. Perdeu tudo. O que você está sentindo, Rubão? Em números, por favor. Em números, dólares, quanto foi? Quanto você gastou nessa merda?

8

“Posso acender seu cigarro?”

Abridor. Ovos. Queridas. Vôngole. Sumo. Liquidificador. Queridas. Afiada. Queridas. Este programa culinário é editado pelo estrangulador da Lapa. Eu sou a mulher do estrangulador da Lapa. O estrangulador da Lapa tem horror a formigas e naftalina. Gosta de flores, o estrangulador. Quando Rubão me abraçava eu precisava pensar nessas coisas para ficar tranquila. Ele gosta de flores.

“Ele te deu outro objeto?”

Rubão é um psicopata, eu descobri. O fato em si não me assustou, mas a terrível e dolorosa coincidência que ele trouxe à tona deixou-me completamente atordoada. Sou muito supersticiosa no que diz respeito às coincidências. As coincidências são invariavelmente sinais de tragédia em minha vida. E a verdade é que eu sempre gostei de psicopatas, muito antes de conhecer Rubão. Sempre estremeci. Sempre me guardei. Sempre rezei contra os estupradores. Sempre gastei tardes vendo suas fotos em jornais. Sempre tive pesadelos com asfixias mecânicas. Sempre cordas, laços, tiras e fios de náilon. Sempre me preocupei com as estranguladas. Sempre gostei de ouvir histórias macabras. E me casei com Rubão. Destino, delegado, não é coisa que se joga fora.

Há uma zona branca entre a lucidez e a loucura, disseram-me os especialistas. É nessa zona branca e estranha que vivem os psicopatas. É verdade, é verdade, afirmei chorando. Rubão sempre esteve isolado nessa ilha branca, sempre viveu ali, muito antes do nosso casamento já vivia, um prisioneiro, um homem infeliz que, abusando do álcool e das gargalhadas, fazia-se passar por cidadão normal, morador da zona lúcida. Com álcool e gargalhadas ele dissimulava tudo e fingia ser feliz, ser editor, ser marido e ser do bem. Mas ele era um morador da zona branca. Sempre foi. E eu, que amo tudo em Rubão, amo o fígado de Rubão, os

rins e os neurônios de Rubão, só fui descobrir o verdadeiro endereço do meu marido depois de muitos anos de convivência. Rubão é morador da zona branca.

A vontade de matar é orgânica, congênita, delegado. É como se, além do fígado e do coração, ele tivesse um órgão a mais, um cripso, vamos chamá-lo assim, que não produz suco gástrico ou insulina ou hemoglobina. Produz necessidade de estrangular, esfaquear, mutilar, cortar em pedaços, sufocar, violentar e acabar. O senhor não sabe: o cérebro dos psicopatas é matematicamente igual ao dos epiléticos. Não há ataques súbitos, convulsões e estrebuchamentos. Mas há ataques súbitos, convulsões e estrebuchamentos nas ideias. Na conduta. Condutopática: estrangular, esfaquear, mutilar, cortar em pedaços, sufocar, violentar e acabar. Acho justo perdoar Rubão.

"O que ele te falava?"

Aprendi que não é fácil classificar um assassino. Natos, epiléticos, passionais, habituais, associados, latentes ou pseudocriminais. Há muitas classificações. Lombroso, Prins, Veiga de Carvalho etcétera. Rubão pode ser um "biocriminoso puro", pode passar a vida toda num manicômio judiciário. Sexo nunca mais. Pode ser um reincidente em potencial, um "biocriminoso preponderante". Sem sexo, o resto da vida. Comprei dezoito livros de psiquiatria. Passei a frequentar manicômios, oligofrênicos e psiquiatras. Aquela minha inexplicável necessidade de sangrar.

"Essa marca no seu braço, foi ele?"

Grande parte dos criminosos é criminoloide, criminoso por influência de companheiros. Mata-se por muitos motivos. Ignorância: onze por cento. Nasceu no crime: dois por cento. Dinheiro fácil: oito por cento. Ciúme é só um por cento. Mata-se pouco por amor. No Brasil mata-se mais por Reebok do que por amor.

Eu costumo chorar quando penso em crimes e criminosos. Nossa produção de crimes acontece em escala industrial, eu continuo chorando. Assaltos, sequestros, estupros, tudo isso é rotina, é crime industrial,

ninguém se importa. Você vê na televisão, vê no jornal e depois esquece como esquecemos sabonetes, chicletes e cigarros.

No Brasil, um crime só merece atenção se for uma obra de arte. Queremos os canibais, os perversos, os hiperviolentos, os científicos. Queremos os melhores.

Por isso todos querem Rubão, o estrangulador, o monstro da Lapa. A imprensa, a polícia, a audiência, a massa, as mulheres, as manchetes.

“Por que você resolveu me procurar só agora?”

Naquela semana eu contei: treze matérias de jornais, sete reportagens na TV e duas capas de revista. Quem é o estrangulador da Lapa? Eles gostam do meu marido porque meu marido arranca o peito esquerdo das mulheres.

Delegado, pare de me fazer perguntas. Respeite o meu desespero.

9

Conceição estava morta há dez dias, quando Rubão teve outra crise.

Ele chega no bar às 2h. Ouço passos, ruídos, barulho de uma cadeira sendo arrastada. O microfone miniaturizado joga uma cena amorosa primária em meus ouvidos. Os receptores das minhas células parietais se ligam à histamina e à gastrina, detonando a bomba de ácido. Ciúme gastroduodenal.

RUBÃO (*off*) Seu cabelo hdfdwumf sdegf dh gosto asgdhf.

Era um microfone direcional ultrassensível. Uma merda de um microfone direcional ultrassensível. Não era um omnidirecional, que pode registrar sons vindos de todos os sentidos. Dependendo da posição do Rubão, nada era captado.

MULHER (*off*) Hoje você mdhsdaleoif eu telefonei hfgfs hdgsd não sabia khagg acho tão bom dgdf kljhg.

Quatro horas da madrugada. Estamos nas proximidades do viaduto Faria Machado. Minhas células sugam íons de hidrogênio. Nunca tinha ouvido o som de uma mulher sendo estrangulada. Ela emitia um “a” fechado, aspirador. Rubão também fazia um “a”. Espiral, para o céu. Ele abriu a porta do copiloto. Com os dois pés, chutou o corpo da fulana para fora do carro. Deu partida e sumiu em direção à Marginal. Minhas células vomitando íons de potássio.

Desci do meu carro e me aproximei do corpo. Tive a impressão de que ia desmaiar. Procurei na bolsa as cápsulas que desligam a bomba de ácido, tomei duas. Ela devia ter a minha idade. Estava com os pés e as mãos amarrados. Rubão se afastava e agora o microfone direcional ultrassensível funcionava perfeitamente. “Days of wines and roses”, ele cantava bem alto. Foi comigo que ele aprendeu a gostar do Frank Sinatra.

O seio esquerdo havia sido recortado. ‘I’ve been running away like a child plays.” Lesões graves na vagina e no ânus. “Through the metal land, to other closing door.” Ventre aberto. Colorações azuis na parte superior do tórax. “A door marked never more.” Efusões de sangue. “That wasn’t there before.” Em volta do pescoço, o sulco do estrangulamento.

Clocking. Um fenômeno típico do ulceroso. Acordar à noite com dor. Nem sei como consegui dormir. Nunca durmo antes de o Rubão chegar. São 4:40, *The collector* na TV, EUA, 1965. Direção: William Wyler. Acho que desmaiei no banheiro. Lembro-me de ter colocado o carro na garagem, do vômito, não sei como cheguei ao quarto. *Clocking.* É Rubão que está chegando. “The lonely, the nights closes, just passing breath.” Está feliz porque fez uma puta edição legal. Me dá um beijo displicente.

“Por que você demorou tanto, Rubão?”

“Porque fiz uma puta edição legal. ‘Filled with memories’..., acho que peguei sua mania, vivo cantando Frank Sinatra”, ele diz, arrancando a camiseta. Quer me pegar, não para sexo, quer me pegar industrialmente.

“Por que você está com essa cara?”

Não respondo.

“Por que você está com a camiseta molhada, Rubão?”

“Porque caiu café. Caiu café e tive que lavar. Respingou café.”

Sei.

“O porteiro disse que você saiu.”

“Fui comprar remédio para minha úlcera.”

“Não sabia que você tinha úlcera.”

“Eu também não sabia. Fiquei sabendo hoje. Fui ao médico. Sou ulcerosa.” Rubão nem ouve o que eu falo, sai do quarto cantando “of golden smile that introduces me to the days of wine and roses and you”.

Rubão volta bebendo coca-cola. “Olha o que eu comprei para você.” Ele coloca no meu anular um anel dourado, pedra azul. Beija meus dedos e diz que me ama. Que realmente me ama.

Wine and roses. Acabaram-se os dias de *wine and roses.*

10

Helena estava ficando minha amiga. Gostava de minhas visitas, embora fizesse questão de não demonstrar. Vi muitas fotos. Rubão e o pai em Buenos Aires, pombos. Aniversário de Rubão, cinco anos, autorama. Rubão no mar imenso, conchas e pai. Helena, por que eles não se falam?

Eu queria olhar para trás, queria voltar, queria encontrar o Rubão. Não era fácil fazer Helena falar. Às vezes, eu conseguia.

Rubão tem oito anos. Seus pés não alcançam o chão. Balança as pernas, o sol cruzando o céu. Geralmente ouve gargalhadas, suspiros, poemas. Hoje não. Gritos, cala-boca, um som seco de tapa. A mãe aparece, ágil, decidida, as duas mãos ajeitando o cabelo. Aproveita o espelho da sala e retoca o batom. Está nervosa. Atrás dela há um homem sem camisa, pés descalços, lobo. Dentes. Ele tenta segurá-la, palavras e garras. Vagabunda. Ela se assusta e o empurra. Vagabunda. O homem cai e bate a cabeça na quina do sofá. Sangra. Não reage aos tapas. Ele morreu. Rubão chora. Ela beija sua testa e diz apavorada: “Vamos, querido.”

Pouca coisa mudou na nossa vida. Surgiram silêncios. Ausências. Graves.

No início, quando sua língua fazia círculos no meu sexo, leves sucções, quando sua mão separava minhas pernas e conquistava, eu achava que era possível esquecer tudo. Eu tinha as cápsulas que desativavam a fábrica de ácido. Era possível suportar.

Além disso, eu tinha uma visão científica dos fatos. Rubão era um condutopático. Tinha cérebro de epilético. Estava organicamente doente, com excesso de instinto de morte. Era isso que eu pensava até Rubão cometer o quarto crime. Veja bem: o quarto que eu acompanhei. Se eu for considerar os presentes, se cada presente significar uma vítima, este era, na verdade, o oitavo crime de Rubão.

Rubão não tinha técnica para escolher as vítimas. Andava de carro pelas ruas, observava mulheres, pernas, cigarros, sorrisos. Alguma coisa lhe chamava a atenção e acionava o cripso, o órgão destruidor. Com aquela mulher foi o ato de colocar os óculos de sol. Ela estava saindo do banco, os olhos se fecharam evitando a luz, gestos lentos da mão abrindo a bolsa, displicência. Rubão gosta. A delicadeza. A mão vasculhando a bolsa, caem papéis, ela se agacha, leve, os cabelos curtíssimos e pretos, o batom vermelho, o ar tranquilo. Coloca os óculos, o sol metralha, ela é inatingível.

Não sei o que ele falou com a fulana de óculos, eu já havia desistido do microfone ultrassensível. Mas ela gostou. Riu. Foram andando juntos pela Marechal, eu no carro, chorando.

Depois da captura, Rubão entra na fase telefônica. Liga todos os dias para a vítima. Eu gravei as conversas.

TAPE 1

RUBÃO Eu sou pesquisador. Estudo as ptomaínas.

ELA O que é isso?

RUBÃO Ptomaína. Vem de ptoma, que quer dizer cadáver.

ELA Muito interessante.

RUBÃO São venenos metabólicos.

Chega. O que vem a seguir é uma sequência de palavras com forte potência amorosa. Cabelo. Você. Telefonei. Quero. Vamos.

TAPE 2

RUBÃO Peçonhas.

ELA Cobra?

RUBÃO Cobra, aranha, escorpião...

ELA Eu morro de medo de escorpião...

RUBÃO Há venenos piores. *Acqua toffana.*

ELA Mata?

RUBÃO (*pausa*) *Venenum attemperatum...*

ELA Credo!

RUBÃO Não tem cheiro nem sabor. Uma gota por semana, no leite, ou na água, faz a pessoa morrer em dois anos...

ELA Que papo besta! Por que você perde tempo com essas coisas?

Pronto. Daqui para a frente eles passam a se lamber com palavras gordas de sexo. Tenho mais trinta e seis gravações. Todas são iguais. Na primeira parte do telefonema, ele fala sobre impressões digitais, medicina legal, armas, pesticidas, grafologia, cromatografia e coisas do tipo (sinceramente, não sei onde ele aprendeu tudo isso). Na segunda parte, ele usa apenas o vocabulário amoroso. Marca e desmarca vários encontros, faz elogios, promessas, convites, todas aquelas bobagens que um homem faz para conquistar uma mulher. Depois de uma semana nessa lenga-lenga, ele marca o encontro na alameda Santos.

Eu esperava ver pedofilia, necrofilia, licantropia, exibicionismo. Eu esperava ver desorganização libidinal, demolições, implosões, guerras, gritos. Por isso, eu segui os dois.

Telecatch foi o que eu vi. Eu vi o lado radical do amor. Eu vi algolagnia, sexo e dor. Os dois lutando, ela descendo a escada do inferno. Ele, ereção, voltagem. Ela, taquicardia, descargas de adrenalina. Ele, oxigênio, potência. Ela, convulsões, pulso irregular. Ele, aberração, vampirismo. Ela, *gasps.* Ele, oito, nove. Ela, colapso, parada cardíaca. Ele, dez, cem, mil. E zero. Ela, zero também, morte clínica.

Era *telecatch* e ela saiu perdendo.

Eu vi a expressão de meu marido exatamente no momento em que ele explodia espermas. Parecia um mar. Atlântico. Cheguei à conclusão que Rubão nunca me amou. Amava aquelas mulheres que ele matava. Minha pressão caiu, vomitei sangue. Dor. Foi ciúme o que eu senti.

Nesse dia, eu me dei conta de que o problema não era Rubão ser assassino. Eu sofria porque Rubão estava me traindo, me cansando, menos sexo, mais tarefas, substituições, planos, desvios, contas, sonhos, Rubão me ultrapassava. Eu sempre acreditei que o amor eram piscinas,

emparelhamento, lealdade, permissão. Eu não sabia nada de amor. Eu nunca nadei no mar. Atlântico. Aquilo era amor.

Depois desse dia, cada vez que fazíamos sexo, eu achava que ele ia me matar. Eu esperava que ele me matasse e me arrancasse o peito esquerdo. Mas ele rolava para o lado e acendia um cigarro, delegado.

11

O delegado é um sujeito desajeitado. Parece que levou uma surra de Deus. Está feliz porque Rubão é seu. Mérito seu. Vai jogar Rubão nas grades para ser fêmea de bandido. Promoção. Vai acalmar a porquinha assustada da Lapa, a porquinha que sorri três por quatro na foto da carteira, pedindo proteção contra o estuprador. Está feliz e pensa que é uma merda não ter um fotógrafo ali, uma merda ele não aparecer sorrindo no jornal, posando de bacana e contando como prendeu o elemento. Não. Ele não quer prender Rubão. Não adianta prender ninguém neste país. Ninguém aqui nesta merda cumpre mais que um quinto da pena. Fora os privilégios: prisão albergada, liberdade condicional, bom comportamento. A Justiça é uma merda porque nada presta neste país. O presidente não presta, o cidadão não presta, o dinheiro não presta. Por isso eu sou a favor da pena de morte. Não quero prender o Rubão, quero meter esse infeliz numa cadeira elétrica. Influxo elétrico nesse viado. Eletrocução. Dois mil e trezentos volts vão fazer Rubão pagar tudo o que deve às mulheres. W. K. já pagou. Foi o primeiro a pagar. Sabe o que ele fez? Matou sua amante num acesso de ciúme. Rubão tem que pagar também. O delegado não fala nada, mas eu ouço cada palavra saindo dos seus dedos grossos, o anular enfeitado com aquele anel de corrupto que todo corrupto usa. Pena de morte saindo da sua calça de tergal cinza. É morte que sai dos seus olhos arroxeados que Deus acertou muito bem, e que ele gosta de esconder atrás de um ray-ban preto. Suas ideias fedidas saem por todos os poros. Melhor dizendo, são cagadas em cima de mim. O que eu estou fazendo na frente desse idiota?

“Pode falar. Continue.”

Lembro-me de Helena com seus olhos úmidos, antes de eu chegar no Deic. “O pai de Rubão está no fim”, ela me disse. Ela queria dinheiro. Aproveitei-me do desespero de Helena.

Rubão tem oito anos. A mãe aparece, espelho e batom. Atrás dela há um lobo. Dentes. Palavras e garras para segurá-la nas grades, em vão. Vagabunda. Ela se assusta e o empurra. Vigarista. O homem cai. Cabeça, sofá, quina, sangue. Morreu porra nenhuma. Vagabunda. As mãos grossas envolvem o pescoço da mulher. Bloqueio pulmonar. Vagabunda. Rubão chora. Queria que tudo fosse igual aos outros dias, ela beijando sua testa e dizendo: “Vamos, querido.”

“Nada mais seria igual”, diz Helena.

Sabe quem é o homem, lobo, dentes, delegado? O amante da mãe de Rubão, bonita, batom. Isso eu já sabia, eu desconfiava.

“Pode falar. Continue.”

O delegado está cagando para mim. Quer promoção. Festinha. Conversinha com repórter. Quer ser bacana à custa de Rubão.

Pergunto onde é o banheiro, estou passando mal, úlcera. Desço os seis andares do Deic chorando. Delegado filho da puta.

Há uma equipe da televisão em volta de um homem, humilhação, câmera. O matador é nordestino. Ele me encara. Não tenho medo. Tenho curiosidade.

EU Você é matador profissional?
MATADOR Só matei bandido.
EU Quantos você já matou?
MATADOR Não sei. Nunca contei.
EU Como eram as execuções?
MATADOR Eles pedem para viver.
EU Você não se arrepende do que fez?
MATADOR Era tudo bandido.

Dormi quarenta minutos. Desde que vi Rubão me traindo fiquei muito confusa em relação às portas. Quando ele chega, penso que é melhor não trancá-las. Se ele quiser me matar posso sair correndo. Deitamos. Dormimos. Não consigo dormir mais de quarenta minutos com a porta aberta. Tenho a sensação de que alguém vai entrar. Nuca. Punhaladas na omoplata. Acordo assustada com o matador sendo

entrevistado na televisão. Só me acalmo depois que tranco tudo. Volto para a cama e pouco me importa que Rubão tenha matado mais de dez. Eu o abraço pelas costas e penso que é uma pena que ele seja assassino.

“Puta merda, deixa eu dormir, caralho!”

Eu me levanto furiosa. Deixa eu dormir, a puta que o pariu. Assassino. Psicopata. Estrangulador. Maníaco. Doente mental. Epilético condutopático. Pensa que eu não sei que você anda matando um monte de mulheres?

Psicopata. Quebro o abajur e fico com a cúpula de vidro na mão. Vem. Maníaco. Rubão me encurrala nas cordas, a cúpula enterrada na barriga. Tento fugir. Rubão me agarra pelos tornozelos, me pega no colo, com carinho. Estou quieta em seus braços, fecho os olhos, ele vai me colocar na cama. Rubão está sangrando. Vai me cobrir. Vai me dar um beijo. Rubão abre a janela e me joga do décimo quinto andar. Acordo apavorada, vou destrancar a porta que tranquei quinze minutos antes. Tropeço no copo, faço barulho.

“Puta merda, deixa eu dormir, caralho!”

Eram ilógicos os trincos, ferrolhos, trancas e travas. Eram autotraição, na verdade. Um velho hábito. Fico estacionada entre a porta e o corredor o resto do tempo em que Rubão dorme, pensando se devo ou não trancar a porta. Às vezes, eu a tranco, mas, antes mesmo de chegar na cama, me obrigo a destrancá-la. Estas operações são muito demoradas, músculos contraídos, respiração controlada, não posso acordar meu marido. O que Rubão faria se descobrisse que eu sei que ele é assassino? Psicopata. Estrangulador. Maníaco. Doente mental. Epilético. Condutopático. Pensa que eu não sei que você anda matando um monte de mulheres?

Vejo fumaça, estrelas cinza, granilite. Vejo uma gota vermelha, vozes, beba água. Levanto a cabeça, estou na escada do Deic, delegado e investigadores me olhando curiosos. Beba água. O sangue vem da minha cabeça, um corte pequeno acima do olho direito. Eles me contam que caí da escada e desmaiei.

O delegado me ampara e me leva para sua sala.

Pensa que pode me catequizar. Pensa que é sólido. Que é fluxo. Que é certo. Na verdade, está confuso comigo.

Por mais que me esforce, não consigo ouvir o sermão. Presto atenção na conversa que vem do corredor do Deic, um grupo de investigadores. Laranja. Laranja é otário, aquele que leva a culpa. O macaco se cagou. Não. O macaco se rachou, laranja. Se rachar é se entregar. Você fica rachado ao meio, as vísceras expostas, a verdade orgânica na cara da Justiça. Um médico legista veio trazer laudos para o seu GRANDE AMIGO CARLÃO, FIGURAÇO, OUVI DIZER QUE O SECRETÁRIO COME NA TUA MÃO, ele berra. Plac, plac, plac, tapas nas costas e longa sequência de elogios. O legista está voltando do Amazonas, onde foi esclarecer "um crime impressionante, rapaz". Ele conta que o delegado encarregado das investigações era um paulista, o Daltoir, "lembra do Daltoir?". O Daltoir colocou o suspeito numa saleta e disse: "Fulano, a casa caiu." A casa caiu, aqui em São Paulo, quer dizer: você está fodido, pode ir entregando o ouro. Mas no Amazonas é diferente. O assassino começou a chorar e disse: "Meu Deus, a casa caiu? E a mãe tá boa?" HA HA HA HA HI HI HI HI HO HO HO HO HO. Os investigadores sacolejam e uma pequena plateia de mães, pobres, assassinos, testemunhas e suspeitos observa em silêncio, sentados, esperando a vez das suas casas caírem.

"Tome este copo d'água." O delegado derrama sua piedade nojenta em cima de mim. Pensa que estou confusa.

Ele espalha fotos de mulheres sobre a mesa. Quatro mulheres. Estão desaparecidas. "Você reconhece alguma?"

Reconheço uma, minha quarta rival. Não digo nada. O senhor não tem fotos dos cadáveres? Peça para o IML. Posso dizer se foi Rubão até pelos laudos técnicos. É fácil ver se um crime foi cometido por um psicopata. Golpes múltiplos, execução cruel, falta de premeditação, amnésia psicótica.

O delegado me bombardeia com perguntas técnicas. Quer detalhes.

Eu vou contar tudo. Rubão é um canalha.

Um dia, eu cheguei em casa e Rubão estava dormindo. Em cima do meu travesseiro havia um colar de pérolas embrulhado num papel de seda. Fui até a farmácia, comprei valium e uma substância com ação desinibidora, capaz de provocar exteriorizações, o pentotal, também conhecido como o soro da verdade. Tomei o calmante e apliquei a injeção em Rubão. Fórmula: sal sódico do ácido etil-5 (metilo-I-butil)-5 tio-2 barbitúrico. Ele acordou com a picada, sem entender o que acontecia. Eu fiquei nervosa, gaguejei, tentei improvisar uma mentira, Rubão arrancou a seringa da minha mão, levantou-se irritado, queria me bater. Mas eu já havia aplicado quase todo o conteúdo da ampola. O pentotal começou a fazer efeito, sedando e hipnotizando Rubão. Ele estava perplexo, deitou-se: “Por que você fez isso?”

Rubão, eu sei que você anda aprontando. Quero que você me conte como conseguiu este colar de pérolas. Eu sei que você é assassino, estrangulador. Isso não vai mudar nada entre nós, por favor, me diga a verdade.

Eu estou dizendo a verdade. Eu preciso de água, delegado. É verdade.

Rubão viu a embalagem do pentotal. Chorou, disse que eu não precisava usar golpes baixos. Se eu queria saber a verdade, ele me contaria tudo.

Rubão me contou que, naquele dia, saiu da emissora às dez horas. O cripso detonou. Pegou o carro, ficou rodando pela Monte Alegre, Bartira, observando aquelas moças saírem da PUC e, de repente, se viu diante de um predinho de três andares, com porteiro eletrônico. Ao lado do apartamento 3 estava escrito: Dora M. O segundo andar estava para alugar. Rubão tocou a campainha de Dora. Uma mulher atendeu, ele se apresentou, disse que estava alugando o segundo andar, que havia um vazamento no banheiro: “A senhora se incomodaria se eu desse um pulo aí em cima? Talvez o vazamento venha do seu apartamento.” A pessoa concordou, sem hesitar, Rubão subiu e uma loira abriu a porta. Falou que

era hóspede de Dora, que não sabia nada sobre o vazamento, mas que Rubão podia olhar o que quisesse. Uma burra completa. Mostrou o banheiro, disse que ele podia ficar à vontade, outra vez. Quando ela voltava para a sala, Rubão deu o bote. A loira tentou reagir, mas não é difícil estrangular uma mulher burra, que deixa um estranho entrar em casa e diz “fique à vontade” duas vezes. É fácil matar. Entendo o Rubão. Dá raiva mesmo. As pessoas facilitam. Provocam. Pedem. Imploram. O senhor nunca teve vontade orgânica de matar? Tudo bem, eu vou continuar.

RUBÃO Você pode não gostar de ouvir, mas eu tive relações com ela. Quer dizer, ela já estava morta. Primeiro eu a matei. Ela usava este colar e eu achei que você poderia gostar. Fodi ela. Foi isso.
EU Você arrancou o peito esquerdo dela?
RUBÃO Não. Fiquei com medo e fugi.

Ele pediu coca-cola, estava zonzo. Abri uma lata e enfiei três valiuns dentro. Rubão só acordou no outro dia. Não tocou no assunto, estava de ótimo humor. Amnésia psicótica, imaginei. Hoje sei que ele se lembrava de tudo. É um canalha, o Rubão. Estava com o plano prontinho. Eu é que não sabia de nada.

Naquele dia, Helena me procurou. Queria dinheiro para internar o pai de Rubão. Trocou algumas diárias da Beneficência Portuguesa por informações valiosas.

Rubão, oito anos, pernas, sol. A mãe aparece. Espelho e batom. Atrás dela há um lobo. Dentes. Vagabunda. As mãos grossas envolvem o pescoço da mulher. Bloqueio pulmonar. Vagabunda. Amante. Lobo, dentes, quer estrangulá-la. Quer sexo. Quer morte. Quer sangue. Rubão chora. Gostaria que a mãe pegasse sua mão e o tirasse dali: “Vamos, querido.”

Toda família tem um psicótico astênico, entupido de boas ideias e pobre de potência. Lobo era astênico. Lobo era irmão do pai de Rubão. O pai de Rubão era quem sustentava lobo. Pagava faculdade, aluguel, roupas, tudo. Rubão protegia a mãe. Vagabunda.

Fiquei com nojo. Decidi que deixaria Rubão. Rubão era um traidor.

12

“Escuta, menina, confissão não me interessa. Cansei de receber malucos aqui, falando que mataram este e aquele. Eu não sou juiz, advogado, nem promotor. Cerebrinos. Não lido com papéis, hipóteses, nem suposições. Nós da Homicídios lidamos com os fatos. Só os fatos importam. Cadê o fato?”

O delegado não está entendendo nada. Eu vou lhe dar os fatos.

Falei para o Rubão que o nosso casamento acabou. Ele me olhou sem tristeza. Estava sentado na sala, ouvindo Raul Seixas. Eu, de pé na porta, ainda sem saber se era verdade. Ele não me amava. Não disse nada. Ficou aquela música entre nós ocupando o silêncio que, de tão absurdo, parecia vermelho. Os crimes, o sexo, a televisão, as chaves, o medo. Sempre havia alguma coisa definitiva entre nós. “Fascista, mista, simplista, antissocialista, eu sou egoísta”, dizia Raul.

Voltei para a casa da minha mãe. Passei a semana seguinte sentada ao lado do telefone, pedindo a Deus que introduzisse em Rubão a necessidade de me telefonar. Foda-se, eu pensava. Era tudo o que eu pensava. Foda-se. Eu queria *Once around*, EUA, Lasse Hallstrom. O Richard D. dizendo que aquela fulana não entendeu nada. Que a maneira como ela abraçava a mãe, o jeito que ela calçava o sapato, você não entendeu nada, ele disse, você me emociona. Foda-se. Eu queria uma equivalência *Once around*.

Os jornais eram o meu único contato com Rubão. Não paravam de falar sobre o último crime do estrangulador da Lapa. Hiperviolento, perverso, canibal. Queriam meu marido de qualquer jeito. Quando eu abria o suplemento policial, sentia a adrenalina assustando meus músculos.

Vi fotos da mulher e chorei. Ela estava morta e, mesmo assim, era melhor que eu. Muito melhor.

Comecei a acompanhar o inquérito.

No apartamento 3 do prédio número 709 da rua Bartira, foi encontrado o corpo de Milena de Castro. O mesmo apresentava contusões na cabeça, arranhaduras no pescoço, além de hematomas na região sexual, com fortes evidências de estupro. O apartamento estava intacto, com a mobília e objetos pessoais em ordem, descartando-se assim a hipótese de roubo. Foram feitas várias diligências, com o objetivo de individualizar a autoria do crime, mas os resultados obtidos nada vieram a esclarecer.

Histórico:

Dora Menezes (não portava documentos) comparece à delegacia, relatando que a vítima era sua amiga e que estava hospedada em sua residência no dia do crime. Inquirida pelo juiz, D. M. relata que chegou ao local dos fatos por volta das 14h, e que, em vez de abrir a porta com sua chave, preferiu tocar a campainha, pois sabia que a vítima estava lá dentro. Que não veio ser atendida, o que estranhou, pois havia combinado com a vítima de buscá-la para irem ao shopping. Após insistir na campainha, constatou que a porta social estava destrancada, adentrou e, no interior do apartamento, encontrou a vítima caída no chão; vindo a chamar, na sequência, o médico morador do apartamento 5 do mesmo edifício. O referido médico, após exame, constatou que Milena de Castro estava morta.

Testemunha única, advertida das penas combinadas ao falso testemunho, prometeu dizer a verdade do que soubesse e do que lhe fosse perguntado. Declarou que é moradora do mesmo edifício de Dora Menezes, sendo esta sua vizinha de porta. Relatou que na manhã do crime, quando ouviu a campainha do apartamento 3, pensou em sair até o hall para perguntar se Dora sabia de alguma faxineira que tivesse dia

disponívl, digo, disponível. Entretanto, ao olhar pelo olho mágico, constatou que uma outra mulher abrira a porta da casa de Dora, fato que a fez desistir de ir até o hall. Inquirida pela autoridade, respondeu que chegou a ver o assassino de costas, que não se lembra muito bem, pois o viu através do olho mágico, sabendo apenas que o mesmo tinha cabelos pretos e usava uma camiseta vermelha. Inquirida sobre barulhos, declarou que não ouviu gritos, nada que lhe chamasse a atenção. Nada mais disse etcétera e tal.

Laudo de exame de corpo de delito:

Realizada a perícia, passaram a oferecer o seguinte laudo: Milena de Castro etc. e tal morreu por estrangulamento mecânico, visto que foram encontrados cortes na cartilagem da laringe e do osso hioide. O corpo apresenta várias lesões no pescoço e na região sexual. Foi constatada a presença de sêmen. A vítima, portanto, sofreu violência sexual.

É estranho, mas eu sentia uma espécie de orgulho de Rubão. Ele era um bom profissional. Além disso, o contato com Milena foi casual, sem amor, como ele me contou. Isso o inquérito confirmava.

Nessa crise de entusiasmo, resolvi procurá-lo. Telefonei quinze vezes, nunca atendia. Passei lá de surpresa, senti um certo constrangimento do porteiro, que tentou me driblar, sem sucesso. Mas deve ter conseguido avisar Rubão pelo interfone. Ele estava tomando uísque com um par de pernas cruzadas, totalizando vinte anos. Era nítido que os dois haviam enfiado as roupas às pressas. A camiseta de Rubão estava do avesso. A garota tinha o cabelo todo despenteado. “Trabalhamos juntos”, foi o que ele me disse, enquanto ela sorvia uísque e sorria como se fosse uma propaganda de vodca nacional. Não engulo vodca nacional.

“Fatos. Cadê os fatos?”

O senhor pode chamar a vizinha de Dora M., mostre a ela a camiseta vermelha de Rubão. Isso é um fato, delegado.

O colar de pérolas? Não, isso não é um fato. É um presente que eu ganhei do meu marido.

Mas o sêmen é um fato. O senhor pode comparar o sêmen que foi colhido no cadáver com o sêmen do meu marido. Isso é outro fato.

Tudo isso são fatos, o senhor tem que admitir.

E tem algo terrível que confirma todas as acusações que fiz (e que valeu algumas doses de morfina para o pai de Rubão, canceroso em fase terminal no Hospital Beneficência Portuguesa).

Rubão, oito. A mãe aparece. Batom. Vagabunda. Atrás dela há um lobo. Dentes. Vagabunda. Luta. Mãos envolvem o pescoço da vagabunda. Bloqueio da ventilação pulmonar. Lobo, amante, dentes, quer estrangulá-la. Quer sexo. Quer morte. Vigarista. Ela sofre, taquicardia e hiperventilação. Rubão se lembra do revólver que costuma admirar na gaveta da escrivaninha. Pistola Le Français. Oito tiros. Um na cabeça, quatro no coração do lobo, tio, dentes e sangue. A mãe aspira o ar como quem quer engolir o mundo. Rubão chora. Queria que a mãe voltasse com ele para casa, de mãos dadas, nunca mais aquele lobo, dentes, amante, sangue e vísceras cobrindo o tapete. “Vamos, querido.”

São fatos, delegado. A imagem da mãe sendo estrangulada explica tudo, o tanatismo, a heteroagressão, o instinto de morte. Fatos.

Eu estou cansada. Sozinha. Desprotegida. Seu merda. Cadê o sistema de proteção às testemunhas? Estou cara a cara com o réu, enfiando o dedo na culpa do elemento, e depois vou voltar para casa, vou ficar sozinha com o assassino. O senhor fala sem parar no telefone, ciática, investigadores, assinaturas. Não tem café nessa merda? O senhor é um bosta. O senhor não acredita em nada do que eu digo. O senhor está cagando para mim.

13

The witness, EUA, com H. Ford e elenco desconhecido.

Em todos os filmes policiais que vejo na televisão acontece o seguinte: há um mocinho bonito querendo provar ao seu chefe que, se tiver carta branca, vai pegar o assassino. Tem sempre o chefe dizendo que não e ponto final. E nesse conflito, mais a investigação proibida, mais o final heroico para o bonitão que volta a ficar amiguinho do chefe (quando não o fode completamente, descobrindo que o mesmo é o assassino), com promoção e tudo, eles ganham duas horas e a gente perde duas. É mais ou menos o que está acontecendo comigo e com o delegado. Ele ganha tempo e eu perco.

Imagino que ele esteja puto porque aparece há dois meses no jornal com expressão de idiota dizendo que estamos fazendo o possível, que vamos divulgar o retrato falado do suspeito, que conseguimos isto e aquilo, e a verdade é que não conseguiu nada. Eu resolvi tudo. Eu fiz a investigação dessa merda. Eu achei o assassino. E eu era a menos interessada porque o assassino é meu marido, seu incompetente.

Foi um fracasso sua investigação em círculos, delegado.

Eu conversei com um investigador, ele me falou sobre este processo. O ideal é você partir do morto para o criminoso. No Brasil o caminho que se faz para chegar ao assassino é outro. Tem os alcaguetes que dedam os elementos. Você vai lá, pega o cara com um monte de joias, dólares, aparelhos de TV etc. Ele conta de quem comprou, ou de quem roubou, ou entrega a conexão e você acaba resolvendo vários crimes.

Se esta técnica não der certo, você começa a fazer círculos. Ninguém mata à toa, o assassino tem que estar em algum círculo. Primeiro faça um círculo na família. Se não der em nada, faça no trabalho, no amor, nos amigos, nos inimigos, uma hora você acha.

Só que Rubão não conhecia as vítimas, não estava em círculo nenhum.

Então, o delegado, para se vingar, usa este recurso de filme policial manjado e finge que não acredita em mim, que confissão não interessa e ponto final.

Desliga o telefone e “continue, por favor”. Quer saber mais sobre as doses de morfina que suavizaram o fim do meu sogro. Foi uma troca que fiz com a Helena, eu já disse.

Rubão, oito, balança. Mãe, vagabunda. Atrás dela há um lobo. Dentes. Amante, vagabunda. Luta. Vagabunda. Mãos envolvem o pescoço da mulher bonita, batom. Bloqueio da ventilação pulmonar. Vigarista. Ela sofre, vai morrer. Rubão pega o Le Français na gaveta, oito tiros, cinco no lobo, tio, sangue. A mãe volta à tona, quer o ar do mundo inteiro. Pistola Le Français. Rubão não quer. Não gosta. Aperta o gatilho três vezes, três vezes acerta a mãe, ágil, bonita, batom. Três balas no coração. Rubão para de chorar e telefona para o pai. Rubão, oito anos, sentado na poltrona, esperando o pai chegar. Nunca mais ela o beijaria: “Vamos, querido.”

O que o senhor acha, delegado?

“Eu não acho nada. Infância, impulsos, sonhos, subconsciente, isso é besteira. A realidade, a bosta da vida real, como a senhora disse há pouco. É com isso que eu trabalho. Os fatos, minha senhora.”

14

Depois de duas semanas, casamos novamente, delegado. Não porque Rubão quisesse. Eu estava na casa de minha mãe, como já disse, ela foi viajar, não suportei o silêncio de uma casa vazia. Depois de três dias sem dormir, a televisão constantemente ligada, entrei na fase aguda do medo, nosofobia. Tomava banho a cada duas horas, passava álcool no meu sexo, nas unhas e couro cabeludo, uma coisa horrível, tinha sempre a impressão de que estava sendo contaminada. Em três dias tive os sintomas de câncer no fígado, meningite e bócio. Chorei muito, não queria morrer. Telefonei muitas vezes para Rubão, dizendo que não suportava mais nossa separação. Nunca ele me pediu para voltar. Quando eu voltei, ele me abraçou com todos os músculos, um castelo de dor, não disse nada, foi guardar a minha mala no quarto. Fiquei encostada na porta, sem saber se era verdade. Rubão voltou devagar, engolindo o corredor que nos separava.

Antigamente, quando não havia ressentimentos, nós funcionávamos como uma máquina de fazer sexo. Agora havia lixo, mágoas, pedras, mas esquecemos tudo e fizemos sexo leve, sem síntese, minuciosamente sexo, com saudade física e psíquica.

A verdade é que, naquele momento, Rubão entendeu que eu sabia tudo sobre seus crimes e que me calaria para sempre. Era isso mesmo. Eu havia feito a minha opção.

Nesse dia, Rubão me deu um presente especial. Um anel de diamantes. Poderia ter dado esse anel para qualquer uma. Poderia jogá-lo no lixo. Mas ele resolveu guardá-lo para mim. O diamante provou que Rubão me amava. Ele matava mulheres, roubava delas alguma coisa que prestasse. Ele queria que eu ficasse com a melhor parte delas. O diamante é sempre a melhor parte de uma mulher.

Nos dias seguintes vivemos a melhor fase do nosso casamento. Fomos ao Cine Copan assistir a *Too hot to handle,* EUA, 1991, de Jerry Rees. Rubão me deu maconha para experimentar. Entramos no Hotel Eldorado, eu queria café expresso. Havia um casal sentado perto de nós. Um casal nada a ver, que nem percebeu a gente. Eu estava bem-humorada, leve, quis brincar. Disse ao Rubão que o casal não parava de olhar na nossa direção, que um deles devia estar dizendo: "Vamos chamar a polícia. Os dois estão drogados." Rubão disse: "Eu ouvi o que eles falaram: só ela está fumada, vamos denunciar apenas ela." Ele ria e isso começou a me incomodar. "Vão te prender e eu não vou poder fazer nada." Risos. Não sei por quê, quer dizer, acho que foi o efeito da maconha, eu comecei a acreditar no que Rubão dizia. Comecei a chorar, o garçom chegou na mesa, perguntei se aquele casal estava falando de mim. Rubão explodiu de tanto rir, o garçom não entendeu nada, comecei a tremer, vi o casal com celular na mão, pensei que estavam chamando a polícia. Achei que estávamos cercados, que teríamos que nos entregar, saí correndo, desesperada, quase fui atropelada. Rubão veio atrás, morrendo de rir, quase foi atropelado também. Aquele casal nem viu a gente, não tem polícia nenhuma, eu estava brincando com você, ele dizia. Dei um tapa na cara dele: "Vou ser presa e você fica rindo." Ele se sentou na sarjeta, gargalhava. Eu não conseguia perceber que aquilo era maconha, tinha a impressão de que todo mundo naquela rua, nos táxis, ônibus, os transeuntes, todos sabiam que eu estava maconhada.

Fomos passear de carro, vi o painel eletrônico do Anhangabaú. Formava anúncios, desenhos, números, notícias, achei tudo estranho, achei graça, comecei a rir. As letras, eu não entendia nada, acho que sou analfabeta, Rubão.

A maconha, o riso, o cinema, essas coisas nos uniram muito naquele momento. Pensei que talvez eu pudesse ajudar meu marido nos crimes. Talvez eu pudesse selecionar as mulheres que Rubão mataria. Há um exército de mulheres para matar. Eu estava cortando o cabelo quando pensei nisso. Vi uma idiota com os dedos espetados no ar, contando para

a coitada da manicure que o marido havia proibido o uso de listas na decoração e que ficou muito difícil trabalhar com composé, porque o composé passa necessariamente pelas listas. Sobrou o quê? Sobrou o cashemere, o floral e sei lá o quê. Le Français. Oito tiros na boca.

E aquelas flácidas que cagam seus filhos nas portas das escolas, cagam seus Monzas metálicos, seus cabeleireiros e suas ginásticas na nossa frente, geralmente em fila dupla.

E aquelas "bondosas patológicas", mães das cunhadas, tias das avós, primas dos genros, fêmeas natalinas em geral. Carabina Anschutz.

E as que falam "escolinha", "cólica", "útero", "gases", sempre que encontram uma orelha.

Eu poderia ficar livre de todas essas mulheres. Rubão poderia fazer um acerto de contas. Elas iriam ter que pagar com bocetas e sangue. Iam pagar pelas desinteligências, silêncios, adultérios, ignorâncias, traições, pensões, condescendências, mentiras e por tudo o mais que elas deviam.

Cheguei a pensar que isso resolveria minha questão profissional. Eu via aqueles sandinistas na televisão e pensava: porra, eu podia ser sandinista. Via os lituanos lutando pela independência e pensava: eu devia estar lá. Pois bem, agora Rubão estava me dando uma oportunidade. As mulheres pagariam uma velha dívida. Nunca fizeram nada, não inventaram vacinas, aviões, não lutaram, não escreveram *Moby Dick.* Vão ter que pagar por isso.

O projeto de extermínio de inúteis só não foi para a frente porque desisti, antes mesmo de falar com Rubão. Lembrei-me das investigações em círculos. Logo iam fazer um círculo em mim. Não ia dar certo.

15

Logo depois que voltei para o Rubão comecei a ter dores de cabeça terríveis. Fiquei preocupada, pensei logo em câncer, tumor no cérebro. Sempre tive a certeza de que iria morrer jovem, tragicamente. Doutor Otávio, eu não aceito a morte. Não aceito, não entendo, de jeito nenhum. Não interessa a obra, o amor, os filhos, nada: o homem vai morrer. Um dia, ele não acordará, não receberá o beijo de quem ama, não ouvirá o mar. O sabor do café. O sono. O sexo. Tudo acaba, sabemos disso desde pequenos, carregamos a dor, a grande dor, silenciosos, acreditando em Deus e na ciência. Eu nunca vou entender.

A dor começava entre três e quatro horas, depois que eu e o Rubão comíamos algo. Eu me deitava, ligava a televisão e tomava remédios. Fiquei viciada em aspirina. Cheguei a tomar uma cartela por dia. Minha úlcera piorou, comecei a ter enjoos, perdi peso. Tudo isso sem falar nada para o Rubão, eu não queria ir ao médico, não queria ser condenada, saber que me restavam apenas tantos meses de vida. Preferia, na verdade, que Rubão me matasse. Ele já tinha matado tantas mulheres, poderia fazer isso por mim. A vida, depois que você sabe que vai morrer, é uma coisa muito triste. Menos um dia, menos uma semana, é assim que você pensa, uma contagem regressiva, uma merda. Rubão poderia acabar com minha agonia. Faríamos uma despedida, um jantar especial, beberíamos muito, faríamos sexo, ele me estrangularia durante o orgasmo. Cheguei a organizar tudo isso. As coisas caminharam bem, achei que ele tinha entendido o meu desejo. Fomos para a cama bêbados, passei minha língua nos lábios dele, Rubão segurou minhas coxas com suas mãos enormes, adoro quando ele faz isso, me separou, o túnel. Estávamos encaixados, ele em cima de mim, beijos, peguei suas mãos e as coloquei em volta do meu pescoço. Apertei de leve, mostrando o que eu queria. Ele foi perdendo a força. Faça isso, Rubão, murmurei em seu ouvido. Ele

se levantou, foi para o banheiro, acendeu um cigarro, voltou, sentou-se na cama, ao meu lado: “Você está ficando louca.”

No dia seguinte, Rubão chegou em casa dizendo que havia marcado uma consulta para mim. Brigamos muito, acabei concordando. Fui encaminhada para um especialista, que indicou outro especialista, e em duas semanas eu já tinha ido a oito especialistas. Nenhum dizia nada sobre minhas dores de cabeça. Pediam exames. É engraçado como as coisas mudam. Eu, nosofóbica desde a infância, portava-me com tranquilidade. Não me desesperei em nenhum momento. Estava de bom humor, queria que ficasse um clima legal em casa. Rubão, no entanto, que sempre foi uma figura calma, passou a fumar três maços por dia. Chorava muito, dizia que se eu tivesse algo grave ele ia se matar. Cuidava de mim de um jeito muito especial. Faltava ao trabalho constantemente, flores, sorvete, sexo, vivíamos nossa despedida.

Dois meses de exames. Meu braço ficou cheio de picadas. Quatro eletroencéfalos, endoscopias, o diabo. Enfim, os resultados: Rubão teve uma crise de choro, não queria me acompanhar até o consultório. Fui sozinha. Quando o médico me mandou entrar, Rubão apareceu na sala, apavorado, olhos vermelhos. Pediu para falar comigo um instante: disse que me amava, que nada interessava, que iria comigo para qualquer lugar. Poderíamos ser enterrados juntos, ele prepararia tudo. Fiz Rubão jurar que não cometeria nenhuma besteira, não tinha cabimento ele se matar. Ele me abraçou, chorou muito. Disse que a vida não teria o menor sentido. O sofrimento de Rubão me fortalecia. Quanto mais ele sofria, mais eu me sentia capaz de enfrentar tudo. Enxuguei seus olhos, entrelacei nossas mãos, entramos na sala do médico. Os resultados, doutor. O médico tinha uma expressão tranquila, não era ele quem iria morrer. Voz doce, pausas, explicações simples. Tirando a úlcera, eu não tinha nada. Absolutamente nada. As dores de cabeça não tinham explicação. Eu estava bem de saúde. Não tinha câncer porra nenhuma. Meu fígado estava bom, o pâncreas estava bom, apêndice, bexiga, ovários, cérebro, pulmão, coração, tudo perfeito.

Eu e Rubão saímos do consultório de mãos dadas, chocados, não

conseguíamos dizer nada.

E agora isso: tínhamos a vida pela frente.

16

O delegado tem uma expressão estranha. Pede para eu esperar um pouco, chama dois investigadores de lado, conversam, olham para mim, saem. O delegado volta sozinho: “Eu gostaria que a senhora fosse objetiva.”

Delegado, vou ser objetiva.

Dez dias depois dessa confusão toda na nossa vida, Rubão foi para o Rio de Janeiro trabalhar num programa especial sobre peixes e camarões. Ele foi embora numa terça-feira. Na quarta, pela primeira vez em três meses, eu não tive dor de cabeça. Na quinta também não. Nem na sexta, nada. Fiquei ótima, disposta, minha úlcera também melhorou muito. Acabaram-se os enjoos.

A casa estava uma bagunça. Resolvi fazer uma faxina geral, lavei banheiros, cozinha, separei um monte de coisas que a gente não usava mais e levei tudo para baixo. Nosso prédio é antigo, tem um depósito grande na garagem, cada apartamento tem um armário com chave. Há muito tempo eu não descia lá. Vi que o nosso armário estava com cadeado. Achei estranho. O zelador me disse que foi meu marido quem o colocou. Revirei nossa casa, procurei a chave em todos os lugares onde Rubão pudesse guardá-la, e nada. Telefonei para o estúdio, no Rio: que história é essa de colocar cadeado no armário da garagem? Rubão me disse que roubaram nossos patins. Esqueceu de me avisar. Esqueceu não, não quis me chatear. A dor de cabeça. Disse que pegou a chave por engano. Insistiu para que eu levasse nossas coisas para cima, falou que depois guardaria tudo que eu quisesse.

Acontece que eu não sou idiota. Passou pela minha cabeça que Rubão estava escondendo coisas dos crimes lá dentro. Isso me apavorou. Chamei um chaveiro. O senhor só arrebenta o cadeado, eu dizia a toda hora, com medo de que o sujeito visse algo incriminador. Quando ele foi embora, escancarei as portas. Os patins estavam bem visíveis. Latas de

tinta, martelos e, meio escondida, uma caixa com um par de luvas médicas, uma seringa, dois tubos de ensaio, lacradíssimos, com líquido dentro.

Rubão nunca se interessou por esse tipo de coisa. Peguei os tubos e os levei para um laboratório, onde trabalhava uma amiga de minha mãe. No outro dia à tarde, ela me telefonou, pediu para eu ir lá. Senti uma certa preocupação em sua voz. A primeira coisa que ela quis saber foi onde eu tinha encontrado aquele material. Não respondi. Ela disse que um vidro continha bacilos de Koch. Tuberculose. E o outro, *acqua toffana.*

Eu vou pôr a fita para o senhor ouvir de novo, delegado.

RUBÃO Peçonhas.

ELA Cobra?

RUBÃO Cobra, aranha, escorpião...

ELA Eu morro de medo de escorpião...

RUBÃO Há venenos piores. *Acqua toffana.*

ELA Mata?

RUBÃO (*pausa*) *Venenum attemperatum...*

ELA Credo!

RUBÃO Não tem cheiro nem sabor. Uma gota por semana, no leite ou na água, faz a pessoa morrer em dois anos...

ELA Que papo besta! Por que você perde tempo com essas coisas?

Veja, seu delegado, eu estava disposta a esquecer tudo, eu tinha voltado para o Rubão. Eu poderia fazê-lo feliz, eu poderia ter um filho dele. Mas ele fodeu tudo, o canalha. Ele tinha um plano para me matar. A amiga da minha mãe explicou: *acqua toffana é* um veneno da Renascença. Misteriosíssimo. Mostrou-me um texto de enciclopédia sobre o assunto que dizia o seguinte: "*Acqua toffana* foi um dos venenos mais geniais de todos os tempos. Sua composição sempre foi um mistério para os estudiosos. Parece que foi inventado por uma mulher, cujo nome batizou a poção maligna. É líquido, transparente, sem sabor e sem cheiro. Uma gota por semana faz a pessoa morrer em dois anos. Causa dores de cabeça, enjoos, náuseas."

É isso, delegado. Estão explicadas as minhas dores de cabeça, meus enjoos, os dois meses de exames. Quando Rubão foi para o Rio, eu não consumi minha dose semanal. Por isso melhorei.

Tem mais. A *acqua toffana* pode ser potencializada e se tornar fatal num espaço de tempo menor, se a pessoa envenenada tiver outra doença qualquer.

Por isso os bacilos de Koch, delegado.

A verdade é essa: o Rubão sempre foi decepcionante. Nunca foi Clark Gable. Uma vez, vi um casal no Leblon. Ela era sorvete, sol e cabelo preto. Ele, o resto. Rota, história, vida. Os dois caminhavam de mãos dadas. Ele dizia: sabe, eu sou um plantador de árvores. Aquela ali é a favela do Vidigal. Eu vou te mostrar o Rio de Janeiro. Você vai aprender a nadar e nós dois vamos nadar juntos, o mar é uma sopa de nadar, você não precisa ter medo, eu vou te ensinar. Os dois foram caminhando, o céu azul. Vez ou outra eles paravam, ela nem ligava para o céu, olhava só para ele. Pensei: quero ser aquela mulher. Quero que aquele plantador de árvores me ensine a nadar.

Rubão nunca me ensinou nada.

Não estou mentindo, tudo ficou muito claro. Rubão é um inseto nojento. Age pelo motivo mais óbvio. Ele não é um psicopata, é um assassino vulgar.

Eu sei do que estou falando. Uma semana antes da descoberta do "laboratório" de Rubão, aconteceu o seguinte:

Estamos tomando dry martíni, eu sentada no chão, com dor de cabeça, tirando a letra de "Fly me to the moon", do Frank Sinatra.

RUBÃO Foi um cara do banco lá na emissora vender seguro. Levou uns papéis que eu trouxe para você ver. É *double*. Se um dos dois morrer, o outro recebe uma grana legal. O que você acha?

EU Acho bobagem. Como se escreve Marte em inglês?

Eu não desconfiei de nada. Havia acabado de passar por um inferno com os médicos, estava bem de saúde, só tinha úlcera. Ele foi muito

esperto.

Rubão não tocou mais no assunto, mas ficou mal-humorado. Agora eu entendo tudo. Se o senhor procurar nas seguradoras vai encontrar um seguro cujo único beneficiário é ele. Ele falsificou minha assinatura, tenho certeza. Pode procurar.

E tem outra coisa: Rubão havia me dito que, quando voltasse do Rio, nós iríamos acampar. Acampar num deserto, onde não tivesse médico nem remédios que me salvassem da tuberculose. Cobras, areia, mato, natureza, acho tudo isso insuportável. Gosto de ficar trancada em casa vendo televisão. Rubão sabe disso, mas ele conseguiu me convencer que ia ser divertido, que a gente ia levar maconha e rir muito. Era tudo um plano.

O senhor pode estar pensando: por que ele não te estrangulou e não te jogou no mato? Ele é mais perverso, mais cruel do que eu poderia imaginar. Ele queria me matar com o que eu mais tenho pavor, com doença, sou nosofóbica. Durante três meses, me deu *acqua toffana*. Meu corpo estava debilitado. Quando chegássemos no mato, ele misturaria bacilos de Koch na minha comida. Eu começaria a tossir, a reclamar. Ele teria um bom argumento para não me levar a sério: sou nosofóbica. Minha família confirmaria tudo facilmente. “Ela é nosofóbica mesmo, toda semana inventa uma doença.” Rubão diria que, quando realmente acreditou que eu estava doente, teve muito trabalho para me transportar até um local onde houvesse assistência médica. Assim, o canalha receberia um seguro de vida.

Por isso estou aqui, delegado.

Morfina. Morfina. O delegado só quer saber da morfina. Pai. Helena. Lobo. Vigarista. É isso que ele quer falar.

Muito bem.

Rubão, oito. Mãe, lobo, luta. Vagabunda. Mãos grossas no pescoço do batom. Bloqueio pulmonar. Vigarista. Rubão pega o revólver, calibre seis vírgula trinta e cinco, oito tiros, cinco no lobo. A mãe volta à tona, quer o ar do mundo inteiro. Pistola Le Français. Rubão não quer. Não

gosta. Aperta o gatilho três vezes, três vezes acerta a mãe, ágil, bonita, vagabunda. Três balas no coração. Rubão telefona para o pai. O pai chega, vê todo aquele sangue e pergunta por que o filho não foi à aula de inglês. Não havia aula de inglês. Não foi preciso dizer isso, o pai entendeu que Rubão acobertava as tardes da mãe, com mentiras de inglês, esgrima e aulas de redação. Vagabunda. A polícia chegou. O pai de Rubão disse que matou a mulher vagabunda batom bonita em defesa da honra. Matou também o irmão lobo vigarista em legítima defesa. Entregou Rubão para a avó, passou cinco anos na cadeia, saiu por bom comportamento. Nunca mais falou uma só palavra com Rubão. Não tinha ódio do filho. Não tinha nada.

Rubão nunca mais voltaria para casa, de mãos dadas com a mãe: “Vamos, querido.”

O delegado manda entrar dois investigadores.

O que é isso, eu pergunto, referindo-me aos acessórios que eles carregam. O delegado me diz que é um polígrafo, um detector de mentiras, para medir minhas reações emotivas. É o teste da sinceridade. Se houver alterações no meu ritmo cardíaco, pressão arterial e reflexo psicogalvânico, significa que eu estou fodida.

Fico indignada. Estou aqui entregando um assassino e tenho que provar que estou dizendo a verdade. Seu merda, você é um merda de um delegado. O polígrafo é acoplado aos meus braços e termina em várias agulhas. Enquanto o delegado me bombardeia com perguntas, os investigadores ficam atentos ao gráfico que vai sendo desenhado com minhas respostas.

Você bebe?

Que roupa você estava usando ontem?

Qual é o nome de sua mãe?

Você gosta de cinema?

Você sabe nadar?

Você tem irmãos?

Você mora na Lapa?

Você matou oito mulheres estranguladas?

Arranquei os fios do braço. Se eu matei oito mulheres estranguladas, seu idiota? O senhor acha também que eu as estuprei? Por que o senhor acha que eu estou mentindo, delegado?

O delegado é um desses sujeitos que desprezo. Estufado de comida e gases. Lobo. Vigarista. Psicótico astênico. Ele me estende um papel. Está irritado. Leio:

Informações sobre a vida pregressa de Rubem Marcondes.

É filho legítimo.

Viveu em companhia dos avós, depois que os pais morreram num acidente de trânsito, em 77.

Frequentou escolas e universidade.

Não usa bebidas alcoólicas, nem morfina, nem anfetamina, nem heroína, nem maconha, nem gravata apertada.

Nunca esteve internado em casa de tratamentos mentais.

Estado civil: casado.

Vida conjugal harmônica.

Não tem filhos.

Casa de aluguel.

Trabalha na televisão, *Fornada especial.*

Não possui bens imóveis.

Não recebe ajuda de parentes ou particulares.

Não socorre ninguém.

Nunca foi processado anteriormente.

Assinado, dr. Paulo, delegado de polícia.

A frase “viveu em companhia dos avós, depois que os pais morreram num acidente de trânsito, em 77” está grifada com caneta vermelha.

O delegado quer que eu vá embora. Eu não sou um fato. Eu não sou uma prova, ele me disse. E os pais? E o acidente de trânsito? E os avós? E o grifo vermelho? Como você quer que eu acredite, benzinho? Mentirosa. Ele continua: e a mulher bonita? Espelho e batom? Lobo, dentes, vigarista? Vagabunda? E a morfina? Mentiras.

Lobo, vigarista. Recolho meus objetos sobre a mesa: camafeu, relógio, pulseira, anel, cinto e diamantes.

Muito bem, delegado. Esqueça tudo o que eu disse sobre os crimes e me fale o que eu devo fazer para meter esse canalha na cadeia por adultério.

17

Comerciais de iogurte com fruta, pasta de dente, jovens felizes e seus refrigerantes, mães zelosas, cigarros, margarinas, mulheres sensuais, brinquedos, chamada da próxima novela das oito. Vinheta do jornal.

Estúdio.

APRESENTADOR Boa-noite. A polícia acaba de identificar o corpo da mulher encontrada morta num terreno baldio da rua Clélia, na Lapa. Ela é Rita Marcondes, estudante do curso de psicologia da PUC. Rita foi reconhecida pelo marido no Instituto Médico Legal. Ela é a sexta vítima do estuprador da Lapa, um maníaco sexual que tem aterrorizado os moradores do bairro nos últimos dois meses. Amigos e parentes da vítima se reuniram em frente à Secretaria de Segurança para protestar contra a morosidade das investigações. O secretário de Segurança pediu mais rigor na apuração do crime. O *Plantão da Cidade* volta logo mais, trazendo notícias de última hora.

Vinheta do jornal, sobem créditos.

LOCUÇÃO Assista agora a *Our man flint,* EUA, 1966, 107 minutos. Direção: Daniel Mann. Com James Coburn, Lee J. Cobb, Fila Golan.

Dois

1

Sou pontual. Há vinte e cinco anos trabalho no cartório e nunca me atrasei um dia sequer. O elevador chegou. Entrei rápido, e aquela porta sonsa, fechando com preguiça, encrespou minha manhã. Apertei o térreo, e quando estava saindo uma mão me tocou no cotovelo. Odeio isso. Odeio que me toquem com essa mão suja. Era a mulher do sétimo andar. Nunca me lembro do nome dela.

“Posso roubar um segundinho do senhor?”

Rio Branco, a estúpida não sabia onde era a avenida Rio Branco. Ela tinha cheiro de sopa, insuportável. Eu estava atrasado. Expliquei o caminho, sem demonstrar a minha irritação. Lerda. A mulher me olhava, toda redonda, reticências. Vira ali, passa o farol, dobra à direita e pronto. Merda, cinco minutos. Segue em frente, direita, esquerda e acabou. Nada, ela não captava. Não é bom andar armado, ela deu azar. Enfiei três balaços no meio da testa para ver se assim ela assimilava melhor as ideias.

Eu sempre acordo nesse ponto. São 2h da manhã, acabei de tomar minhas pílulas para dormir. Foi a única maneira que encontrei para evitar estes pesadelos. Há exatamente dois meses eles me perseguem. Às vezes, o final muda. Lembro que na primeira vez eu a estrangulei, e que, mesmo morta, ela conservava aquela expressão idiota. Outra vez, eu a joguei no

fosso do elevador. Não sei por que isto está acontecendo comigo. Nunca fui um sujeito violento. Sou um homem honesto, casado, pai de dois filhos. Tudo normal. Sinceramente, acredito que Deus esteja me punindo. Há algo errado na minha vida.

Tudo começou em meados de fevereiro. Eu estava com pressa, pois devia chegar ao cartório antes das 8h. Justo naquele dia, minha mulher não passou minha camisa branca. Eu não entendo por quê. Eu sempre uso camisa branca às segundas-feiras. A esposa tem sábado e domingo para lavar e passar, e no entanto não havia nenhuma no guarda-roupa. Fiquei esperando, tive que tomar café da manhã sem camisa e isso não é coisa que me agrada. Peguei o elevador e encontrei a dona Célia do sétimo andar, cinquenta anos, gorducha e como vai você, a infiltração, os tomates, o parlamentarismo e não sei o que mais. Ela tem mania de segurar o braço da gente enquanto fala. Algumas pessoas não se incomodam. Eu não suporto que me peguem. Ela pediu informações sobre uma rua do centro. Sou paciente, expliquei com boa vontade. Ela não entendeu e juro que isso não me incomodou. Expliquei pela segunda vez, da maneira mais didática possível. Ela sorriu sem graça, ha ha ha, como é mesmo? Eu achei que ela estava rindo de mim. Ela, a prostituta, sabia o caminho, mas estava fazendo piada para o porteiro, os dois são tão amigos! Pela primeira vez na vida, eu senti o desejo de matar alguém. Alguém não: aquela mulher do sétimo andar, cabelo mal tingido, dois dedos de raiz branca! As palavras não valem nada quando queremos falar algo verdadeiro. Não é força de expressão: quero que você morra. Eu senti um desejo puro, uma vontade sólida de matar. Facas, punhais, revólveres, estricnina. Cordas, punhais. Facas. Facas. Facas. Na hora, não me dei conta disso. Poderia ser raiva em pó, que se dissolve na caminhada. Tenho muito disso. Uma raiva louca, um trem que passa na minha cabeça e vai embora antes que eu levante um dedo.

Sou pontual. Cheguei no cartório às 8h, embora aquela párvoa quase me tenha feito perder o horário. Minha cabeça parecia uma estação. O trem chegando devagar. Dava tempo para tudo: ela falava alguma coisa, eu sacava a navalha. Fiz um corte em sua garganta de dois centímetros de

largura e dez de comprimento. O trem ia embora, eu precisava jogar água na cara, molhar os pulsos. Facas.

Através do vitrô do lavatório, posso ver o local onde trabalho há vinte e cinco anos. O que mudou com o tempo foi o número de mesas. Hoje são trinta, enfileiradas em cinco colunas e identificadas com uma plaqueta: fulano de tal. Em cada cadeira há um paletó preto, marrom ou verde-bosta – é o que eu penso desse verde que os mais jovens usam. Há também uma pilha de papéis. Facas. Boa parte do meu trabalho consiste em carimbar, nos contratos, certidões e testamentos, aquele dedinho que indica o local da assinatura. Eu me sentia estranho naquele dia. Já devia ter carimbado quinhentos dedinhos. Tumb. Tumb. Tumb. Eles pareciam apontar outra coisa. A estação. O trem.

“Posso roubar um segundinho do senhor?”

Ela, a mulher do sétimo andar. As unhas dos pés pintadas de vermelho. Eu realmente não posso suportar isso.

Peguei uma caneta e provoquei um ferimento perfurocontundente na região do abdômen, de treze centímetros de comprimento, distando apenas cinco do coração, que ainda pulsava. Havia machucaduras no tórax e escoriações nos músculos do pescoço. Mas isso não fui eu que fiz. O trem ia embora depois de eu jogar água na nuca. Alguém perguntou o que estava acontecendo comigo. Facas. Eu queria saber o que estava acontecendo com eles. Por que estavam todos com aquela cor amarelada?

Passei mal, fui ao banheiro e vomitei. Então é isso, pensei. Eu não quero matar ninguém. Apenas estou mal do estômago. Voltei para casa tranquilo.

2

Exercício número 1

Era domingo e eu estava levando as crianças para pastar no Ibirapuera. Minha mulher odeia que eu fale assim e emburra. Não gosto de gente emburrada, acho isso coisa de ignorante. Coitada. Eu no volante, as ruas vazias. Gosto de domingo. Tumb. O carimbo apontou a quitanda. Dona Célia saindo, as mãos carregadas de tomates. Vermelho, o sinal fechou. Tumb. Freei bruscamente, as rodas dianteiras ficaram pouca coisa na faixa de pedestre. Os tomates reclamaram. Virei o rosto, dei ré para evitar complicação. Anote isso: eu saí da faixa. Mas Célia, a gorda, queria me infernizar: Direitos. Cidadão. Civilidade. Acelerei tudo. Ela ficou esmagada no chão. Os tomates caídos no asfalto.

Exercício número 2

Eu queria apenas ler jornal. Só isso, ler jornal. Tocou a campainha. Fui abrir, era a dona Célia, com sorvete. Tentei ser simpático e lhe tirar o isopor das mãos, sinalizando que eu não queria visitas naquele momento. Queria ler jornal. Ela resistiu, segurou a caixa, e ainda por cima tentou entrar me empurrando. Foi a gota d'água. Odeio que me empurrem. Prensei-a contra a porta com toda a força, até dividi-la em duas. No velório, o médico disse que fraturei a sínfise pubiana e o sacro da dona Célia. Bem feito!

Exercício número 3

Rato. Passei a mão pelo braço: três gotículas de saliva. Afastei meu rosto. Mas ela avançava e continuava a falar. A língua presa, isso é

compreensível, mas a chuva de saliva começou a me deixar alucinado. Percebi que era só ela pronunciar um erre que saía um jato junto. Outra gota no pescoço. Limpei com o colarinho. Rádio. Ruído. Razoável. Recomendo. A última caiu em meus lábios. Cento e trinta tipos de bactérias! Arranquei-lhe as tripas com as mãos.

Foi muito pior que isso minha primeira noite de insônia. Não me lembro dos outros exercícios, mas eram do mesmo tipo.

Como disse antes, eu havia passado mal do estômago naquela tarde. Cheguei em casa às 18:45. Eu geralmente gosto daquele cheiro de bife que fica no hall do prédio nesse horário. É um cheiro honesto. Mas naquele dia me deu nojo. Entrei em casa, meus filhos estavam diante da televisão, cabeça pingada para trás, boca entreaberta meio babando, tipo passarinho dormindo. Eles não gostam do pai. Minha mulher é estranha. Tem medo de mim. Eu devia parar com essa mania de colarinho, mas existe um jeito certo de passar colarinhos e o pessoal do cartório sabe disso. Eles têm que ficar justinhos no pescoço, isso é elegância. Não existe nada pior do que um colarinho que te dá a impressão de que seu pescoço é alado ou de que você tem um avião na garganta. Estou sempre pegando atalhos. É difícil para mim. Seguir uma reta. A reta da minha história. Francamente, não me agrada contá-la, acho que é por isso que me perco. Mas é minha obrigação. Segredos me fazem perder a razão.

Minha vida tem uma matemática certa. Às 22h eu me deito. Naquela noite, tive insônia. Isso não é coisa que acontece comigo. Espertina. Fiquei assustado. O trem chegando na minha cabeça, meus nervos são os trilhos. Eu fervia. Ódio é fermento, nos faz poderosos. Cheguei a fazer uma incisão abaixo da linha do mamilo de Célia, por onde enfiei meu dedo. Célia, Célia, Célia. Seu coração ainda pulsa. Eu vi seus pés. Há dois enormes joanetes que me fazem cerrar os dentes. Sandálias brancas. Por que isso me revolta tanto?

No trabalho, os amarelos passaram a me perseguir. Trinta mesas me olhando porque cheguei cinco minutos atrasado. Trinta paletós assustados. Foram vinte e cinco anos, cento e vinte e sete dias e doze

horas de pontualidade. Tumb. Tumb. Tumb. Os dedinhos apontavam para minha cara.

É tudo culpa de Célia. Eu era um homem normal. Não tinha imagens. Depois da primeira semana, minha vida ficou insuportável. Trem. Cheguei a ficar oitenta horas sem dormir. Trens. Trilhos. Veja bem: aquilo nunca me agradou. Eu queria parar, cheguei a chorar, vomitar. Mas eu já havia perdido o controle sobre meus pensamentos. Trens. Espadas. Ela arruinou a minha vida, qualquer um pode ver isto. Eu estava quieto no meu canto. “Posso roubar uns minutinhos do senhor?” Ela tem mãos vermelhas, úmidas. Não consigo pegá-las. Parecem um punhado de carne crua. Almôndegas. Eu só cumprimentava Célia porque minha mulher dizia que os vizinhos, xícara de açúcar, favorzinho, posso usar o seu telefone? Não. O meu telefone não. Isso não. Porque depois eu falo no bocal. Tem gotículas de saliva. Meu Deus, isso é realmente repulsivo. A reta. Como eu ia dizendo, eu já estava desesperado. A ponto de, no trabalho, um gordo bater nas minhas costas e dizer: o que está acontecendo? Problemas em casa? Problemas em casa! Cento e quinze quilos de amizade jogados no lixo com uma frase estúpida dessas. Não posso admitir este tipo de conversinha. Cozinha. Conselhos. Resolvi procurar um médico. Ele me receitou soníferos. Agente ansiolítico, ópio, hidrato de cloral. Isso dá sono, a consciência é suspensa. Há um entorpecimento dos sentidos e os músculos ficam inertes. Li na bula, várias bulas: Composição: x cloro y metil 5 fenil etc. Indicação: estados de tensão psíquica como miorrelaxante e espasmos de origem cerebral. É isso mesmo. Sua atividade ansiolítica supera quaisquer outros benzodiazepínicos em uso corrente. Perfeito. Era disso que eu precisava. Não dirigir veículos motorizados nem operar máquinas perigosas. Bobagem. Secura na boca. Não ligo. Atividade simpatolítica... que coisa fascinante. Fiquei inteiramente fascinado pelos soníferos. Lexotan. Dalmadorme. Valium. Tranxilene. Principalmente Lorax. Eles fizeram a minha felicidade. Minha vida voltou ao normal. Disseram até que eu tinha engordado. Passava o dia esperando dar 19h no relógio para tomar a cápsula mágica. Eu sentia que meu organismo era um reservatório de

água vazio. Lentamente, o nível da água começava a subir, muito lentamente. Depois que passava dos olhos, eu me afogava no sono. Acordava no outro dia como se tivesse sofrido uma lavagem cerebral. Demorava uns cinco minutos para saber onde estava. Isso era bom. Recuperei meu bom humor. Voltei a levar meus filhos na casa de minha mãe aos sábados. Crochê. No trabalho, tudo parecia normal.

Quanto à dona Célia, eu nem pensava mais nela. Sem imagens. É claro que comecei a tomar alguns cuidados. Eu moro no quinto andar, não sei se já falei isso. Nunca mais andei de elevador. Só entrava e saía do prédio pela garagem, e sempre mandava as crianças verem se tinha alguém por perto. Às vezes, eu sentia o cheiro de sopa nas escadas, mas o trem não apitava. Era sinal de que tudo caminhava bem.

Uma noite, porém, algo estranho aconteceu. Tomei a cápsula magnífica, o reservatório encheu-se de água, adormeci. Célia apareceu nadando. Ela é obesa, flácida, deviam proibir mulheres assim de ir à praia. Ela nadava da direita para a esquerda, cruzando meu sonho. Tentei acordar, mas os soníferos haviam trancado a porta da realidade. Célia nadava num ritmo inalterável, tchok, tchok, tchok. Usava uma touca que a deixava muito redonda. Implosões dentro de mim. Seus pezinhos batiam na superfície, irritando-me profundamente. Segurei sua cabeça dentro da água. Ela não se incomodou. Continuou a bater os pés até perder as forças. Morreu. O corpo ficou boiando no sonho durante a noite toda até que, de manhã, a porta do reservatório foi destrancada. Acordei. Estava todo molhado de suor. Trens.

Nas noites seguintes, aconteceu o mesmo. Voltei ao médico várias vezes. Ele sempre mudava o sonífero e as dosagens. Nas primeiras noites fazia efeito, mas depois nem dormir eu conseguia mais. Só um sonífero me fazia dormir: exatamente o que me deixava trancado no sonho, e como sou claustrofóbico, não consegui suportá-lo.

Passava noites em claro. Facas. Cheguei até a queimar minhas mãos com cigarro, na tentativa de dirigir meus pensamentos. Em vão. Meus desejos doíam.

Célia. Ferimentos a bala. Cortes. Punhal. Queimaduras. Maus-tratos.

Facas. Estrangulamento. Uma noite não pude aguentar este peso. Tomei todos os soníferos, quarenta e cinco, se não perdi a conta. Acordei no hospital com minha mulher segurando minhas mãos.

“Está tudo bem, querido.”

Tudo bem, querido! Ninguém pode imaginar o que é desejar a morte e acordar salvo numa cama de hospital. Facas. Facas. Facas. Eu me decepcionei com minha mulher. Ela não tinha o direito de fazer isso, a vagabunda. Todos ali, em volta da cama, sogra, filhos, mãe, todos, todos nós te amamos. Nunca mais dirigi uma única palavra à minha mulher. Nunca mais. Espadas.

Eu estava no hospital, assim amargurado, quando veio a imagem. Uma janela escancarada, um sofá de napa verde-oliva. Célia folheava uma revista. Coloquei o cano do revólver na sua nuca e apertei o gatilho. O cérebro fresco rolou no tapete. Era pequeno, bonito.

Chamei a polícia. Tocaram a campainha e eu abri a porta pessoalmente: ela se matou, senhores. Ouvi o barulho, arrombei a porta e a encontrei no chão, o sangue jorrando de sua cabeça. Eles acreditaram. Sou um homem honesto, casado, pai de dois filhos.

Braços, pernas, Célia, retalhos, despojos, sangue, punhal. Não sobrou nada. Não senti vertigem, medo ou nojo. Eu gostei. Eu sou um assassino.

3

Houve um tempo em que os médicos acreditavam que o rigor mortis começava na mandíbula e depois se espalhava para os braços, pernas e pés. Uma estupidez sem fim. Esse fenômeno começa no coração. O coração é o centro de tudo, da vida e da morte. Primeiro seca o coração, que, por sua vez, imobiliza o resto. Pode parecer que isto foge do meu relato. Mas não. Espadas. Na verdade, o rigor mortis é uma metáfora perfeita do que estava acontecendo comigo. Meu coração escureceu, o resto foi imobilizado. Entendi que minha necessidade de matar era uma missão de resgate emocional. Cacos, vidros. Um ato de purificação. Só assim eu recuperaria minha generosidade. Facas. Um assassino por benevolência. É como eu passei a me definir.

Desde aquele dia no hospital, minha vida mudou muito. Tive esta lucidez. Continuei a tomar soníferos por hábito, apesar de eles não fazerem mais efeito durante a noite. De dia, eu já conseguia dormir três, quatro horas seguidas. Por isso, parei de trabalhar regularmente. Vou ao cartório apenas quando estou disposto. Dizem que vão me mandar embora. Não me importo. Perdi o respeito pelo meu patrão. Ele é feito de chopinho, amendoim, churrasco. Odeio esse tipo de gente que usa anel dourado.

Minha mulher. Primeiro, ela quis ser superior. Mais alta. Mais calma. Mais inteligente. Mais preparada. Por favor. O que você acha. Querido. Que bom. Fingia compreender tudo o que eu fazia. Isso quase me furou o estômago. Odeio gente prestativa. Bandeja. Toalhinha. Nosso amor já tinha acabado há mais de quinze anos, num dia de Natal, quando ela abriu a porta do banheiro sem bater, e eu estava lá dentro. Mais calma. Mais inteligente. Nada disso funcionou, ela percebeu. Então começou a esbanjar sofrimento. Ficava pela casa, com os olhos vermelhos, nariz

escorrendo. Isso já é uma questão de estilo. Toda água que sai do corpo cria um aspecto desagradável: chorar, urinar, suar, assoar... tudo isso deve ser feito entre quatro paredes, é o que eu penso. No entanto, minha mulher gostava de fazer na minha frente, na rua, para a família, amigos e estranhos. Para me contrariar, obviamente. Ela foi embora com as crianças num domingo. Depois do nosso casamento, este foi o dia mais feliz da minha vida. Pouco tempo depois, a casa não cheirava mais a cebola. O tapete do banheiro não ficava engrouvinhado. A pasta de dente estava sempre fechada. Sem varizes. São detalhes, mas a gente vive melhor assim.

Sozinho, pude me dedicar melhor a minha missão. A primeira coisa que fiz foi roubar do porteiro a chave da casa de Célia. Fiz uma cópia e passei a frequentá-la.

Todas as Célias que conheci são desagradáveis.

Ela tem uma touca de banho cor-de-rosa com renda suja. Nunca uso a mesma cueca duas vezes. Gosto de talco, tomo banho logo que acordo. Não sei o que me deu, sou superlimpo, jamais usei coisa de alguém. Eu colocava aquela touca e me sentia protegido, invisível. Podia andar pela casa tranquilamente, mexer em tudo sem ser visto.

Sandália de dedo e salto é algo que odeio especialmente. Isso dá ao pé um porte insuportável, uma espécie de lordose, fazendo com que a usuária se sinta importante. Uma mulher com sandália deste tipo tem seu comportamento todo alterado. São como as botas de um soldado: sem elas acaba-se com toda a autoridade. (Só no armário contei oito.)

Não gosto de cabelo acaju. Acho demoníaco, grotesco. A pessoa fica com a testa tingida. Proibi minha mulher de fazer isso. Dois tubos, um descolorante. Cor marrom, detesto. A palavra marrom também é horrorosa. Calça marrom, cinto marrom, saia marrom. Três.

Indício de preguiça. Um banheiro deve ter dois tapetinhos: um diante do box e outro na pia. Célia só põe na pia.

1) mania de arear panelas

2) coleciona sacos de supermercado

3) faz toalha de crochê com saquinhos de leite

4) calcinhas no box

5) latas de pêssego em calda

6) chinelos de pano. Plástico. Helanca. Coleção *Os pensadores*, Platão.

Escolhi só as coisas que realmente odeio. Ilhós. Unha lascada. Prato sujo de feijão. Toalha úmida.

Um dia, Célia chegou e eu estava no quarto. Entrei embaixo da cama. Ela tirou os sapatos e seus pés gordos ficaram a vinte centímetros de meu nariz. Macios. Redondos. Pão Pullman. Foi quando me dei conta de que não era mais o mesmo homem. Algo muito sério havia ocorrido. Eu odiava com intensidade aqueles pés, unhas levemente compridas. Pintas. Esmalte branco. No entanto, queria comê-los. Crus. Dentadas. Eu sentia fome daqueles pés. Fui obrigado a ficar quinze horas embaixo da cama, até que Célia saísse de casa, no outro dia. Com seus pés pisando meu pensamento. Pê eu pê sou pê um pê a pê ssa pê ssi pê no. Ela merece morrer.

Com o tempo descobri coisas terríveis de Célia. O que vou contar agora vai dar a dimensão artística do meu gesto. Uma vez alguém disse que o crime está para os marginais assim como a arte está para nós. Crime é arte. A ideia não surge por acaso, os trens, havia toda uma explicação por trás dos trilhos, que agora sei bem. É importante falar sobre mim, para que não pensem que sou um desses estúpidos que passam anos deitados num divã. Acho terapia picaretagem. Ismos. Não acredito em símbolos. Não gosto de associações. Representações. Odeio psicologismo. Aquelas mulherzinhas falando que descobriram na terapia que tinham dificuldade de realizar a morte. Realizar a morte! Dificuldade com a figura paterna. Tudo merda, não acredito mesmo. Mas acredito na arte. Estou falando do ato da criação. Eu não entendia nada, mas existia o desejo de matar Célia. Injustificável, mesmo ela sendo obesa. Já disse: eu era um escriturário, cinquenta anos, casa a prestação, estabilidade. Injustificável como a inspiração de um artista. É uma onda feroz. E o quadro fica pronto. Só depois ele vai entendê-lo, saber o porquê da ideia,

é ridículo falar assim, mas é assim que se faz arte. Primeiro eu tive o desejo, depois veio a razão. Eis a minha razão:

Na infância, Célia foi mordida por um cachorro louco. Durante oito meses, teve que tomar injeção ao redor do umbigo, sendo que desmaiava a cada vacina e acordava toda roxa de “se bater”. Fora isso, sempre foi uma pessoa normal. Sempre se deu bem com vizinhos e familiares e era tida nas redondezas como pessoa boa e amiga. Nunca fumou, gostava de beber tubaína e ficar deitada, quando tinha tempo livre. Aos domingos, gostava de ir à missa com as amigas, dançar e conhecer gente nova. Nunca teve ataques histéricos, tremores, crises nervosas. Nada de briquismo, enurese, nem sonambulismo, insônia ou pesadelos frequentes. Não conheceu o pai. A mãe, alcoólatra, casou-se com um ferroviário, que espancava Célia toda noite, antes de dormir, “para educar”. Nunca teve namorado até conhecer a vítima. Um dia, a acusada desferiu facadas em seu marido iniciando um crime de homicídio por motivo fútil. Aos vinte e quatro dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e setenta e cinco, nesta cidade de São Paulo, estado de São Paulo, e no cartório da 5ª Vara Criminal, 5º Tribunal do Júri, ela se defendeu: disse que no dia do crime estava na cozinha, quando a vítima, com quem era casada havia mais de cinco anos, e com quem tinha um filho de oito meses, chegou para o almoço e começou a perturbá-la, caçoando do arroz, chamando-o de “grude” e “gororoba”; que a acusada, irritadiça por natureza, ficou com “os nervos atacados” e pediu para o marido parar com “aquela encheção”, pois não havia motivo para tal, visto que a acusada sempre fora boa para o marido e sempre cumprira seus deveres matrimoniais com boa vontade, fato que não ocorria com o esposo, que não ajudava na mantença do lar. Porém, afirma a acusada, de nada adiantou o pedido, embora ela tenha implorado, pois o marido, que ultimamente estava se entregando à bebida, chamava-a de vagabunda e prostituta, “que nem sabe fazer arroz direito”. A criança de oito meses começou a chorar. A acusada pegou o filho e decidiu almoçar na casa da mãe para evitar discussão, pois percebeu que o marido olhava para uma faca que estava sobre a pia com “olhar estranho”. A vítima quis impedi-la de sair,

colocando-se diante da porta. A acusada disse que a última coisa de que lembra é a vista “ficar branca” e sentir um peso “ruim” nos ombros. Célia presume que ocorreu uma descarga do mal, pois não sabe como foi capaz de estrangular o próprio filho, não se lembra de nada. Matou primeiro o marido, com setenta e nove facadas, e depois o filho, estrangulando-o. Não se lembra da criança agonizante, sufocada, roxa, querendo ar. Nem do marido, o valentão de merda. A quarta testemunha declara que a acusada estava embriagada e que, depois do gesto, subiu no fogão, com a faca pingando sangue, e gritando: “Brasil! Brasil! Brasil!”

No hospital, ao ser visitada pela mãe, a acusada só chorava, pedindo para ver o filho. A mãe lhe disse: agora não adianta chorar. Você matou seu filho.

Célia, sobrenome desconhecido. Culpada. Culpada.

4

É importante dizer que o ato homicida não provoca em mim nenhuma espécie de prazer erótico. É alívio o que sinto. Sofro de *bolus hystericus*, aquela bola que sobe e desce, dificultando minha alimentação. O alívio é neste sentido. A bola se dissolve.

Estrépito, estampido, estrupido. Eu sempre imaginei que o caminho do projétil num corpo fosse sofrimento. Mas não. A velocidade anula a dor.

Fiquei decepcionado ao saber que com os outros tipos de morte se dá o mesmo. Dor é excitabilidade de célula, algo muito subjetivo. O limiar da dor é individual.

Fiquei contrariado, queria que Célia sofresse. Para produzir dor é preciso haver violência, tortura. A sensibilidade é superficial. Isso me dificultou o processo. Sou contra qualquer tipo de violência. Os chineses costumavam descolar o leito ungueal dos suspeitos com madeira fina. Dizem que não há nada mais doloroso. Mas eu sou incapaz de fazer isso. Não admito maldade, nem com animais. Faço parte de uma categoria especial de assassino.

Morte por afogamento é desesperadora, não dolorosa.

Em todas as espécies de sufocação perde-se a consciência. Não servem.

Facas. Punhais. Trens. A dor é cutânea. O traumatismo é que dói.

Vísceras não têm sensibilidade dolorosa. Coração não dói. Fígado não dói. Estômago não dói. (A não ser que haja uma distensão.) Cérebro não dói. Uma pessoa pode até sofrer uma cirurgia na cabeça, sem anestesia. Estímulos superficiais doem. Punhais. Queimaduras. Choques elétricos. Nada disso.

Venenos: ótimo cardápio, muitas opções. Estricnina. Abrina.

Aconitina. Não há dor intensa, mas o mal-estar é grande. Pensei em usar *acqua toffana* (cuja fórmula contém arsênio). Morte lenta, dois anos de dores de cabeça, vômitos. A ideia é boa, mas dois anos... é muito tempo.

Percebi que dor não poderia ser o critério seletivo do tipo de morte que escolheria para Célia. Passei a frequentar o Fórum da Vila Velha e a assistir a júris. Eu estava atrás de fórmula eficaz. A ideia do crime perfeito é romântica. Assassinos são passionais. Na hora de se tramar um crime, o coração funciona como cérebro. É impossível controlar os músculos do coração. Não são lisos. Sentimentos não são lisos.

As histórias mais interessantes de que tomei conhecimento não tinham estilo nenhum, pouca engenhosidade na armação.

O marido usou hioscina para envenenar a mulher. Ela era cantora. Jogou a cabeça e os membros no rio e o resto foi enterrado na adega. Vinhos que prefiro: bordeaux, borgonha. Os peritos tiveram muito trabalho para provar que aquela massa podre era o corpo da cantora.

Há muito terreiro, muita umbanda. Uma mulher procura um pai de santo e pede ajuda para se livrar do marido. O pai de santo cria uma poção para envenená-lo, sem sucesso. Acabam tramando um assalto. Não sei quantos tiros, catorze anos de prisão. Eu a vi no julgamento. Ela me parecia uma boa mãe.

Indiciado e vítima, cada um no seu carro. Discussão banal desperta uma desproporcional conduta homicida no indiciado, que saca sua pistola semiautomática, ferindo mortalmente a vítima, com um tiro no rosto. A bala penetrou na caixa craniana através da asa do osso esfenoide, dilacerando o encéfalo.

Mata-se muito, a toda hora, no varejo e no atacado. Pelos mesmos motivos, sempre. Os promotores é que transformam essas banalidades em histórias curiosas. Promotor é a espécie mais interessante que conheci. Adoro promotores. Aço, músculo e dor. Cheguei a conhecer algumas regras de acusação: réu que chora é culpado; os inocentes ficam indignados; casamento por tesão acaba em morte, e por amor acaba em separação. São regras.

Eu precisava achar uma maneira inteligente de matar Célia, mas

ninguém me deu nada. Tenho pavor de polícia. É uma gente estranha. Perfurolacerante. Não queria que me pegassem. Teria que sair da minha rotina, isso me confunde um pouco. Gosto de rotinas.

Foi num livro de medicina legal que encontrei uma boa maneira de matar Célia. Um legista inglês acreditava que a súbita entrada de água pelas fossas nasais poderia afetar o sistema nervoso, provocando uma perda de consciência imediata. Foi feito o seguinte teste: colocaram uma nadadora profissional numa banheira e tentaram afogá-la de várias formas. Ela sempre conseguia se defender, agarrando-se às bordas da banheira. No entanto, quando o atacante a puxou repentinamente pelos pés, a mulher simplesmente ficou imóvel, cabeça imersa dentro da banheira. Demoraram meia hora para reanimá-la.

Morte sem violência, sem vestígios.

Esse livro me deu grande felicidade. Um dia, o porteiro notaria a ausência de Célia. Interfone. Mais tarde, tocaria a campainha. Chamaria a polícia, arrombariam a porta. Célia afogada na banheira. Motivo da morte: afogamento acidental.

5

15h. Acordei com a campainha.

Abri a porta assustado. Compromissado na forma da lei, prometi dizer a verdade do que soubesse e do que me fosse perguntado.

– Tenho pouco contato com ela.

– Minha ex-mulher sim. Eu não.

– Não, eu não sabia que ela tinha morrido.

– Neste horário, eu estava no banco.

– O porteiro não sabe da minha vida. Eu estava no banco.

– Eu não estive no apartamento de dona Célia. O senhor está enganado.

– Sim, esta carteira é minha.

– Não posso entender como foi parar lá. Eu achei que tinha sido roubada. Só hoje dei pela falta dela.

– Já disse, estava no banco.

Em seguida, mostrei todos os aposentos da casa, deixando claro que eu estava disposto a ajudar a polícia. Eles ficaram satisfeitos com minha declaração e foram embora.

Não importa que tenham me visto. Que haja provas claras contra mim. Nego repetidas vezes, mentindo tranquilamente. Assim se constrói minha verdade.

Passei a formular diferentes sequências de intervenção policial para exercitar minha frieza. São os detalhes que destroem um crime perfeito.

15h. Acordei com a campainha.

Abri a porta assustado. Era o porteiro: contas de luz, água, condomínio. Ele me chama de doutor. Pobre chama todo mundo de

doutor.

15h e nenhuma tática definida.

Eu andava angustiado. Meu plano para matar Célia era sólido. No entanto, havia um problema desagradável: como colocá-la nua numa banheira? Sem violência. Jamais me passou pela cabeça entrar lá com um revólver. Facas. Nunca. Odeio que me obriguem a fazer algo. Ela nua na banheira. A única possibilidade era eu me lançar a uma conquista amorosa. A ideia me provocou ânsia. Corri para a pia da cozinha e vomitei. Lavei a boca, molhei a cara. Nódulos, saliva. Sandálias brancas. Achei que seria capaz. Forjar um flerte. Tempo. Visitas. Tempo. Tempo. Banho. Jogos românticos. Puxão no pé. Fim.

Dona Célia,

Deve ser estranho receber um bilhete de alguém que não se conhece muito bem, quase um estranho. Mas acredite: mais estranho ainda é ser o estranho que o escreve. Há tempos, tenho ensaiado convidar a senhora para tomar um café em minha casa, mas temo ofendê-la. Sou solitário, como sabe. Não sei se estou sendo pretensioso, mas creio entender sua solidão. Acho que poderíamos ser amigos.

Amanhã, às 15h, eu a estarei esperando.

Um abraço,

E assinei. Com a letra bem caprichada. Deixei o bilhete embaixo da porta.

Meu apartamento estava bem melhor depois que a família tinha ido embora: joguei fora tudo o que pertencia a eles. Alguns móveis também. Levei a televisão para o quarto.

Passei a noite em claro, estava agitado. 5: Consegui dormir e sonhei com pedras. Grandes. 9: Acordei, lavei toda a casa com detergente, ficou um cheiro leve. 11: Comprei jornal e duas xícaras de café coloridas. As

que estavam no armário, eu havia jogado fora também. Eram a síntese da minha ex-mulher. 14: Escolhi a roupa, calça clara, blusa branca, meias novas. Fumava na janela para não impregnar o ambiente. 14:15: Tomei banho, fiz a barba, alinhei os cabelos com gomalina, escovei os dentes, me vesti. 14:45: Passei café fresco, sentei no sofá e fiquei lendo jornal. 15: Estava pronto. Classificados. Alugo casa em Suarão. Suarão! Isso ainda existe? Tratar com Cláudio. 15:05. 15:06. 15:07. 15:08. Ela não vem. Fui para o olho mágico. Ela não vem.

Não fiquei desanimado, talvez eu tivesse me precipitado. Estava tranquilo, pensando em refazer meus planos. Tocou a campainha. Sorri satisfeito, destrancando a porta. Tudo certo, enfim. Dei de cara com minha mulher e filhos. Fiquei comovido. Não por ela. Cândida, moletom. Eles estavam com os cabelos molhados, bem penteados, não me olhavam diretamente. A mãe queria entrar, mas eles faziam uma leve resistência, nada ostensivo, esperando que eu convidasse. Abracei primeiro o mais novo. Depois o grande. Minha mulher devorava tudo com os olhos. Ausência. Ela estava incomodada com as mudanças, mas não tinha coragem de falar. Na época do nosso casamento, nasceu uma grinalda em sua cabeça, e até hoje ela não se livrou disso. Sentamos todos na mesa, sem assunto. Eu me recuso a fazer perguntas idiotas a crianças. Tocou a campainha novamente. Fingi não ouvir. A madre superiora abriu a porta. Era Célia. Usava um vestido cor-de-rosa justo, que marcava bem suas dobras e farturas. No pé, uma sandália de dedo, unhas pintadas de salmão. Apertou a bolsa miúda contra o corpo, completamente nervosa e sem graça. Célia me olhava. Retribuí com um olhar sem intenção, um olhar que se dá para um anônimo. Queria que ela tivesse uma atitude esperta, toquei por engano, vocês me desculpem. Em vão. Ela se sentia na obrigação de entrar, pelo menos era o que revelava aquele sorriso idiota. Deu a mão para minha mulher. Silêncio. Convidei-a para entrar. O caçula pediu para ver desenho animado. Tive prazer em dizer não. Eles que assistam na casa da mãe. Continuamos todos na mesa, sem assunto. As crianças balançavam os pés. Silêncio. Minha mulher olhava alternadamente para as duas xícaras coloridas, depois para mim e para

Célia, conectando os neurônios. Foi por isto que ele me deixou. Sente-se, Célia, eu disse. Sim, ele me deixou para ficar com ela. A minha vizinha, comedora de açúcar. Célia falou que ia chover. Engoli meu café. É, vai chover? Minha mulher chovia. Como ele pode fazer isso com as crianças? Célia, sorriso patológico, um armário humano, sentou-se. Minha mulher, mulherzinha, num gesto brusco puxou a alça e sua bolsa saiu deformada de baixo das nádegas de Célia. Meus óculos, ela disse. Os meus óculos bifocais. Minha mulher sempre achou chique aqueles bifocais. Célia quis abrir a boca, calei-a: eu pago. Ele paga. Minha mulher ficou indignada, virou o rosto. Ele paga. Célia suava mais do que o normal, não conseguia conter a emoção que sentiu com aquele “eu pago”. Eu pago, ela pensou, foi a maior declaração de amor que alguém me fez. Eu pago. Ri alto, ao pensar isso. As duas me olharam. Eu pago. Célia suando, minha mulher com lágrimas nos olhos. Lágrimas de felicidade, imagino. Estava feliz, a imbecil. Sotreta. Subtipo. Qualquer tipo de tragédia fazia sua felicidade, principalmente se ela se sentisse injustiçada. Era como ela recuperava seu senso de superioridade. Eu pago. Ri mais alto, gargalhei, e meus filhos se aproximaram da mãe, assustados. Célia foi embora no auge do constrangimento. Foi seguida pela minha ex-mulher, que tocava os filhos, magoada e superiora. Foram embora como da primeira vez, sem emoção. O casamento é mesmo uma estupidez. Vinte e três anos ao lado de uma mulher e não faço nem questão de dizer tchau.

Fiquei lá sozinho, aquela vontade louca de matar.

6

A decisão de matar a mulher do sétimo andar mudou meu comportamento de forma radical. Facas. Fiquei mais calmo, mais equilibrado e sobretudo mais seguro. Passei a ser efetivamente autêntico. Antigamente eu entrava num táxi e me sentia na obrigação de falar sobre o tempo com o motorista. Trem. Eu era doente. Num elevador, eu devia ser simpático. Tornei-me inflexível. O senhor poderia me dar uma mãozinha? Não. Não poderia e viro as costas para a mulher na garagem. Ela queria que eu a ajudasse a colocar as compras do supermercado no elevador. Não sou porteiro. Não sou simpático em nenhuma circunstância. Gosto de dizer não. Não falo bom-dia nem fodendo. Mudei. Espadas.

Estrépito. Estampido. Estrupido. Quanto a Célia, sabia que era possível tentar outra vez, que ela era suficientemente estúpida para aceitar. Indo a minha casa, aquele dia, ela havia provado que queria ser minha vítima. Isso sim era importante. Ela queria ser minha vítima. Então que esperasse nova oportunidade.

Dois dias depois, encontrei Célia no elevador. Facas. Estava terrivelmente mal-humorado. Célia sorriu tímida. Quis dizer algo. Decidi tratá-la mal.

“Como vai? Tudo bem?”

Trem. Nem respondi, olhava para o teto, com desprezo.

“Eu acho que está havendo uma confusão”, cacarejou confusa.

Mantive-me imóvel, tranquilo. Trem. Trens.

“Aquele dia na sua casa... Recebi seu bilhete... hã... hã... Foi uma situação constrangedora...” Continuava a fazer gargarejo com sílabas.

Pensei: pior categoria de vítima. Índice máximo de rejeição. Ela quer ser vassala. Vassala do amor. Permite tudo. Gosta de ser massacrada. Você chuta, trata mal e ela está sempre perguntando: “O que foi, amor? Eu fiz alguma coisa?” Você chuta, despreza, pensa que a pessoa vai se

retirar por dignidade, mas ela telefona, toda ensaiadinha com insinuações amorosas disfarçadamente sutis. Odeio sutilezas. No amor, não há sutilezas.

“Me deixe em paz!”, arrisquei, com muita vontade de rir. Ela saltou assustada do elevador. Trem. Nada muito dramático, o organismo de Célia estava imune ao desprezo.

Todo homem é um canalha, toda mulher é uma estúpida. Isto é a humanidade.

No outro dia, comprei um buquê de rosas e mandei entregar em sua casa:

Célia,
Sou triste.

E assinei.

Fiz isso durante uma semana, mudando as mensagens:

Célia,
Simplesmente Célia, é o que importa.
Assinado.

Célia,
Apenas flores.

Célia,
Um nome especial.

E outras mensagens do tipo, totalmente sem nexo. A ilógica é o segredo da conquista amorosa. Aprendi isso. Quem quer uma escrava tem que esquecer a razão. Tem que ser romântico também. Geralmente a falta de nexo pode criar a ilusão de romantismo. As minhas mensagens são um exemplo disso.

Célia,
Solidão.
Assinado.

Eu fiz estágio com as mulheres. Há muitas mulheres na minha família. Sou filho e neto de costureiras. Passei a vida com aquelas senhoras imóveis diante de minha mãe, braços levantados, cheias de alfinetes, contando segredos. Conheço as mulheres. São massas sangrentas, traição e flores.

Sexo para elas não é uma necessidade biológica. O desejo de um homem é aço. Depois do sexo, ele quer água, solidão, Marlboro. Para a mulher toda a história começa depois do sexo. No Marlboro. O que foi, querido? O suor, o cansaço dos músculos, a dor... elas não se importam com nada. O sexo não vale nada. Valem as palavras que se diz do sexo. Terapia na cama é a coisa mais nojenta do mundo. Eu consigo tomar uma chuveirada e esquecer uma trepada. Mas nunca consegui esquecer as bobagens que elas me disseram depois do sexo.

Não sei por que estou falando tudo isso, Célia é muito fácil. Não comporta teorias. Bastava que eu tocasse a campainha e pronto. Mas eu gosto de fazer bem-feito.

No sétimo dia, fui pessoalmente entregar as flores. Ela atendeu a porta. Estiquei o buquê, fingindo timidez. Ela, sinceramente tímida, recebeu as rosas.

“São muito bonitas. Obrigada.”

Ficou parada na porta esperando eu ir embora. Nem fodendo. Vou entrar. Vou usar seu banheiro. Vou ver sua banheira.

Fez referência ao dia trágico, uma idiota, devia bater a porta na minha cara. Consertei todo o estrago com duas ou três frases. Sou uma pessoa difícil. Faço tudo errado. Ela se convenceu e me convidou para um café.

Sentamos na sala. Seis vasos de flores. Ela entrou com o sétimo, dizendo que havia acabado de fazer um bolo. Bolo de laranja, com cobertura de coco. Receita da avó.

“Quer um pedacinho?”

Aceitei. Então percebi. Ela estava radiante. Afinal, arranjou um otário para comer seu bolo. Fizemos um pacto. Eu queria matar. Ela queria morrer.

Fui ao banheiro, me deitei na banheira. Dava certinho.
Marcamos um encontro para o dia seguinte.

7

Eu sabia. Ela sabia. Ela sabia que eu sabia e vice-versa. O amor era um pretexto para o nosso pacto. Por uma questão de respeito, tomei o cuidado de não exagerar. Nada muito romântico. Era uma encenação profissional. Ela precisaria confiar em seu carrasco.

Fomos caminhando pela rua vagarosamente. Há muito Célia tinha desistido de viver. Olhava seus sapatos novos, salto alto, ridículos em seus pés gordos. Foi o único momento que cheguei a sentir certo carinho por Célia. Era uma pessoa abandonada. Singela. Falava baixo, insegura, medo de errar. Ela queria morrer, isto estava claro. Havia uma tristeza biológica em seu comportamento. Ela não era suicida, ou simplesmente não tinha coragem de se matar. Por isso me aceitou. Eu poderia resolver seu problema, de forma profissional. Ela contratou meus serviços. Devia ser religiosa. O catolicismo não admite o suicídio. Ela recuava e eu avançava. Era esse o nosso trajeto. Entramos no cinema. Ela quis pipoca. Isso me irritou, há limites. Eu sou um matador. Peguei em sua mão. Almôndegas. Ela não reagia, era um pedaço de carne sem vida, sem vontade, dura. Cordas.

“Relaxe”, falei em seu ouvido.

Ela enrijeceu mais ainda. Estava confusa. Suas mãos começaram a transpirar, trens. Fiquei nervoso. Ela me dava nojo, não podia mais suportar. Peguei uma espada e cortei os ossos da perna, braços e as vértebras cervicais de Célia, mas não saiu sangue. Isso é curioso: o sangue pode ser coagulado até duas horas depois da morte. Exatamente o tempo que duraria a sessão. Fiquei tranquilo.

Assim começou nosso romance. Facas.

O tempo passava e minha vontade de matar Célia era cada vez maior. Encontros. Não estava com pressa, queria saborear meu talento. Encontros. Eu era um artista. Cordas. Estava orgulhoso de mim. Fazia

tudo direito. Eu sabia que os legistas podem dizer com precisão se uma pessoa morreu afogada acidentalmente, se foi crime, ou se foi acometida por mal súbito enquanto nadava. Eu havia estudado, pesquisado, e meu método fugia das alternativas anteriores. Puxão no pé. Banheira. Jogos românticos. Ninguém me pegaria. Mas era preciso ir com calma. Pensar nos detalhes.

O porteiro. Convenci Célia a ser discreta em nossos encontros. Ninguém poderia saber. Principalmente no prédio, afinal eu me separara de minha mulher havia pouco tempo. Isto era indecente. Nosso amor é indecente, Célia, somos culpados, crápulas. Ela se sentia mal, tinha pena de minha mulher, chorava. Célia, sobrenome desconhecido, culpada. Culpada. Você arruinou a minha vida, Célia. Eu era feliz. Muito feliz. Vinte e três anos de casamento, dois filhos. Até que você se mudou para o nosso prédio. A primeira vez que a vi, senti uma espécie de fraqueza nas pernas. Célia. Célia. Célia. Seu coração ainda pulsa. Facas. Passei a sonhar com você. Nunca lhe contei da estação, trem, trens, meus nervos são trilhos. Sonhava nós dois apenas. Eu e você. Você me destruiu, Célia, o amor é horrível, amor. É por isso que eu preciso matá-la. Vou ter que me matar também, somos todos culpados. Culpados. Por quatro a três.

Eu matava, ela morria, era esse o nosso trajeto.

Descobri que a tortura pode ser feita com delicadeza. Silêncio faz sangrar. Cordas.

Certa vez, convidei Célia para ir a Santos comigo, dizendo-lhe que tinha negócios para resolver e que gostaria de sua companhia. Queria fazer uma experiência. Fiz o convite muito animado, prometendo-lhe um dia especial, romântico. Ondas. Ela parecia um liquidificador ligado. Cordas. No dia seguinte, no horário combinado, ela apareceu em casa. Apertava a bolsa miúda na mão. Almôndegas. Atendi a porta contrariado e me comportei como se não houvesse feito o convite. Preparei um café, enquanto fingia organizar papéis e documentos que deveria levar comigo. Sentia-me feliz por vê-la constrangida. Suores. Silêncio. Saímos. Entrei no carro dando a entender que gostaria de ir sozinho. Ela ficou quieta, índice máximo de rejeição. Prefere desprezo à solidão. Ela sentadinha ao

meu lado, vamos “a la playa”, dura, carregando uma cesta no colo, toalha tipo escocesa. Célia escocesa! Cólera de risos contidos. Era o que eu sentia. Ficava imaginando o que tinha lá dentro: uma torta ressecada, cheiro de óleo, garrafa térmica. Silêncio absoluto. Só o motor do carro falava, constante. Irritava. O silêncio altera o metabolismo de Célia. O constrangimento a paralisou. Paralisia infantil. Curvas e retas. Eu não abria minha boca. Olhava para a frente, curvas, enjoos. Estamos a caminho do mar, Célia.

Pensei em antecipar meus planos, matá-la afogando-a nas praias de Santos. Vez ou outra, eu a olhava de relance. Timidamente, discretamente, ela limpava o buço, cheio de gotículas de suor. Desprezo.

Em Santos, comportei-me como namorado. Gentilezas e reticências. O dia estava aberto, sem mágoas. Paramos no mar. Meu Deus, eu precisava matá-la! Sugeri um banho, poderíamos nos trocar no carro. Ela havia esquecido o maiô! Esquecido o maiô! Cólera de risos contidos! Ela não queria que eu visse suas pernas. Celulite. Barriga, seios moles. Estrias. Ficou sentada na areia, como um castelo, enquanto eu nadava. Eu havia esquecido como o mar é bonito. Como é bom nadar. Como o sol é estranho. Um viado, eu estava. Lá longe, Célia sentada, revirando a cesta e comendo. Levei-a para um bar. Ela tomou cerveja e ficou rosada. Papai Noel, Célia. Você me lembra o Papai Noel. Ela estava feliz. Comia os esses de todas as palavras. Sempre fazia isso quando estava nervosa.

Na volta, retomei o silêncio. Radical. Curvas, estrada. Nem olhava na cara dela. Célia sofreu. Sangrou. Cordas. Começou a chorar, queria que eu a consolasse. Eu, o matador. Era esse o nosso trajeto: eu matava, ela morria. Ela gostava de morrer, eu gostava de matar.

Fiquei feliz. A morte de Célia estava sendo lenta e dolorosa, como eu havia desejado no início. Feliz não é a palavra. É sim, a palavra é exatamente essa: feliz. Eu estava feliz, uma felicidade imensa, acordava e tinha vontade de tomar sol, caminhar, duchas frias, sentia fome, comia doces e, atenção para o progresso, havia diminuído o café, coisa que nunca tinha acontecido comigo, em nenhum momento de minha vida. Na verdade, eu me sentia recompensado. Não eram fáceis as coisas que eu

tinha que suportar dessa mulher.

Célia tinha uma estratégia repugnante para me tocar. Eu fingia não perceber seu braço, um peso morto, contra o meu. Seu joelho tocando a minha coxa. Ela imóvel, concentrada. Cordas. Passei a odiar sistematicamente cada parte do meu corpo que ela tocava. Procurava afastá-las de mim, não olhá-las nunca mais. Um estilete cortava as lascas de carne que estavam contaminadas. Álcool. Depois eu colocava band-aids.

Espermas. Provavelmente, Célia imaginava que um dia eu faria sexo com ela. Era rigorosamente virgem. Deitada na cama, esperando a penetração, como quem vai tomar uma vacina. Célia não era digna de prazer. Seios moles, fartos, sem sensibilidade. Tiloma. Gorda. Cordas. Essa possibilidade me apavorava por várias razões. Primeiro, porque eu a considerava com um certo prazer. Ereção. Uma espécie de necrofilia, porque Célia estava morta. Uma massa que eu poderia usar. Imóvel e gelatinosa. Seria injustificável para Célia. Ela sabia que não merecia, que nesse sentido não era mulher. Isso aguçava seu sentimento de inferioridade.

Estas declarações podem dar uma ideia falsa de mim. Não sou celibatário. Nunca tive problemas sexuais. Sempre me dei bem com as mulheres. Gosto de sexo. Sempre pratiquei sexo. Sexo não. Sexo só se faz com quem se ama. Nunca amei ninguém. Portanto, sempre fui um copulador, um cavalo predisposto ao emparelhamento. Sou um tipo que agrada às mulheres. Elas estão sempre atrás de mim. Faço sexo em elevadores, escadas, esquinas, exijo que elas se lavem antes. Mulheres bonitas, magras, que se dobram na penetração, seios pequenos, cinturas, virilhas depiladas. Faz parte da minha rotina, desde os treze anos. Quando ando na rua, é em sexo que penso. Ereção. Penetração. Um tranco rápido para o encaixe dos dois corpos. Sexo rápido. Todo mundo só pensa em sexo na rua. O tempo todo. Principalmente as mulheres, as normais. Célia é um tipo mamífero, estomacal. Quer comer. É digestiva, calórica, faz parte de uma categoria inferior de mulheres. Cordas.

É curiosa minha vocação para cientista sentimental.

Minhas experiências mostraram que o amor e o ódio provocam reações biológicas análogas. Célia e eu. A qualidade e a intensidade da emoção são as mesmas em dosagens de adrenalina e substâncias afins. Os dois causam dependência física e psíquica. Lexotan, dalmadorme, valium, tranxilene. Principalmente lorax.

Sendo assim, posso dizer que eu e Célia estávamos apaixonados. Chegara o momento de agir.

8

EXERCÍCIOS AQUÁTICOS

Número 1

Célia não sabia nadar. Poderíamos passar o verão no Rio de Janeiro, mas ela teria que aprender a nadar. Prometi que a ensinaria. Iríamos nadando de Copacabana ao Leblon, Célia não conhece o Rio. Nadar emagrece, eu disse, ela corou. Não precisa ter vergonha, Célia. Eu gosto do seu corpo renascentista. Para que Célia acredite em algo, basta que palavras sejam lançadas ao ar. Vamos, sente-se na banheira, vamos aprender a nadar. A primeira coisa que uma pessoa deve saber, numa piscina, é engolir água, engolir direito, entendeu? Por quê? Ora, Célia, para não se afogar. Vou pegar sua cabeça e segurar embaixo da água. Engula tudo o que você conseguir, tudo. Célia sorriu, pensou que eu brincava. Dei-lhe um tapa na cara: você quer aprender a nadar, ou não? Ela não respondeu. Levantei furioso: não, você não quer aprender a nadar. Não quer ir ao Rio de Janeiro, não quer andar no calçadão, não quer conhecer o Corcovado, o Cristo Redentor, que lindo! Estou perdendo meu tempo com você. Vou embora. Me esqueça, Célia. Célia sai da banheira e vai rastejando atrás de mim, implorando para que eu a leve ao Rio de Janeiro. Voltamos para o banheiro. Tudo bem, vamos ao Rio de Janeiro. Com uma condição: eu dou ordens, você me obedece. Entre na banheira! Seguro sua cabeça submersa. Ela engole água, quer ar, tenta emergir. Não permito, colocando mais força na minha mão. Ela relaxa, quer suportar o afogamento mais alguns segundos, e depois seu desespero explode, bate os pés, os braços, as unhas tentam alcançar o meu pescoço, Célia está endemoniada, parece um tubarão assassino querendo vingança. Mas eu sou o caçador. Eu venço.

Resultado: distensão excessiva do estômago, que explodiu.

Número 2

Célia, quero te dizer uma coisa. Sou um tipo sexual estranho. Só consigo fazer sexo dentro de uma banheira. Sexo, para mim, é água. Vamos valsando até o banheiro, Célia rodopia feliz, vai perder a virgindade, nós dois, peixinhos apaixonados. Ela está solta, pede para que eu abra o zíper do vestido carmim. A peça, seda falsa, escorre pelo corpo e fica cercando seus pés, como uma poça de sangue. Há muita água na banheira e Célia é volumosa. A água transborda e fico com as meias molhadas. Gorda miserável! Está sempre me molhando. Ela fecha os olhos, cabeça apoiada na banheira. Um banho relaxante. Coloque os braços para dentro, Célia. É melhor. Faço massagem em seus pés. Você gosta?

Um puxão rápido nos pés de Célia, para cima.

Resultado: suspensão da consciência, afogamento acidental.

Número 3

O delegado me olha diretamente, querendo respostas diretas.

Digo: é o que eu sei. Afogamento involuntário. Ela estava nadando na banheira e morreu afogada.

O legista confirma minha tese, mostrando o resultado da autópsia: pele arrepiada, pulmões dilatados, boca, nariz, brônquios e laringes com bolhas de espuma.

Eu tinha prometido ensiná-la a nadar, delegado.

Número 4

Realizei testes para experimentar as sensações que Célia viveria na agonia de sua morte. Enchia a banheira de água, afundava a minha cabeça e esperava. Depois de alguns segundos, eu já podia ouvir um zumbido, o apito da morte. Tirava a cabeça da água para evitar uma perda de

consciência, mas continuava sem respirar. Meu rosto descoloria, perdia a visão. Um dia cheguei a desmaiar. Bolhas. A morte não é nada trágica. É simples e certa. É correta. Se a vítima tiver um pouco de calma, pode morrer sem nenhum sofrimento, apenas um mal-estar suportável.

A banheira de meu apartamento era exatamente igual à de Célia. Comprei um manequim inflável para fazer os testes preparatórios. Muitos acham desnecessária esta fase do crime. Para mim, ela é fundamental. Não é o ato em si, o assassinato, que exercito. Eu estudo outras coisas. Tento domar os sentimentos de piedade presentes em meu organismo. Sou um sujeito piedoso. Sofrimento dos outros me atormenta. Não posso ver ninguém com dor. Fome. Criança abandonada. Trocado. Paralisia infantil. Chego a chorar. Sou sentimental, tenho em excesso todos aqueles sentimentos altruístas que bloqueiam as atitudes criminosas: caráter, retidão moral, dignidade, honradez e pundonor. Por isso, me exercito diariamente, para diminuir esta graduação.

Não é fácil cometer um crime. Você tem que driblar seus inimigos internos, responsabilidade, valores ético-morais, juízo crítico, sentimento de culpa, noção de monstruosidade, coisas que são realidade no seu organismo, como estômago, fígado e coração.

Há também uma escala de valores que compõem uma hierarquia, na qual os sentimentos primitivos ficam em desvantagem com os mais elevados. Matar é sentimento primitivo. Isso também deve ser trabalhado. Pensar suicídios, roubos, adultérios, estupros. Todos nós temos uma tendência à renúncia instintiva. Desejamos, e instantaneamente o desejo nos assusta. Temos medo. Medo de mudar, de perder, de morrer, acabar. O ser humano é, antes de tudo, um fraco. Se se quer cometer homicídio, é preciso acabar com essa viadagem. Nosso maior inimigo está dentro de nós. Há um policial dentro de nós. E também um padre. Um pai. Uma mulher. Dois filhos e um porteiro.

As pessoas pensam que o difícil, num homicídio, é comprar a arma, não ser visto no local do crime, não deixar digitais, como se morássemos na Alemanha. Podemos até deixar nossos documentos, ninguém se importa. Quem já visitou um IML sabe como é feita uma autópsia.

Geralmente, o que se descobre é que o morto morreu. Ninguém quer descobrir nada. Há lugares no Brasil em que, quando alguém é exumado, lava-se o corpo e a água do defunto escorre pelas ruas. Já vi laudos técnicos em que não fica claro se a vítima é homem ou mulher. Não prestaram atenção no sexo. Diligências, mandados de busca. Bobagem. Podemos matar à vontade. Como vão descobrir? Na Alemanha, eles têm equipamentos que tornam visível o interior de um átomo. Laser de íons de argônio para recuperar impressões digitais. É o que eles chamam de polícia hi-tech. Aparelhos que fazem os mortos falarem sobre seus assassinos. Célia não vai abrir a boca. Estamos no Brasil. Precisamos apenas nos livrar de nós mesmos. O inferno somos nós.

Segundo minhas pesquisas, nada poderia me bloquear.

Além disso, caso houvesse um julgamento psicológico, eu estaria preparado, estudei os quesitos num livro forense.

JUIZ O acusado é portador de doença mental?

EU Sim.

JUIZ Na época do crime, o acusado era portador de doença mental?

EU Sim.

JUIZ Em caso positivo, qual a doença?

EU Esquizofrenia. (*Inventei na hora.*)

JUIZ Em virtude da doença mental, era o acusado inteiramente capaz de entender o caráter criminoso do fato que praticou?

EU Não. Absolutamente não.

O Tribunal desta corte declara que o réu é inocente.

9

O porteiro do meu prédio é o protetor de Célia. Eu o chamo de homem-lata, posso até mesmo jurar que há uma lata acoplada a sua boca, abafando o som de seus grunhidos. É grotesco, irreproduzível, uma ameba humana. Fico nervoso só de passar por perto. Vou explicar a complexidade do homem-lata com duas histórias muito ilustrativas. Um dia, quando eu já havia sido despedido do cartório, alguém passou no prédio para deixar os meus pertences.

"Peça para ele descer, por favor", disse meu colega ao homem-lata.

Eu estava em casa, lendo jornal tranquilamente, não esperava visitas. Toca o interfone. Eu atendo. Alguém do outro lado diz:

"Desce!" E desliga na minha cara.

Era o homem-lata. É assim sua inteligência. Pura.

A garagem do nosso prédio não é eletrônica. Da portaria, é impossível ver os carros que chegam. Portanto, combinamos um código de buzinas com os porteiros. Três toques significam que chegou alguém e que é preciso abrir a porta da garagem.

Toco a buzina. Nada. Toco de novo. Nada. Disparo a buzina. Absolutamente nada. Preciso saltar do carro, agressivo, mau-caráter, violento, ir até a portaria e pedir pessoalmente para o homem-lata abrir aquela merda.

Depois de algum tempo descobri como funciona o raciocínio do homem-lata.

Ele está na portaria, ouve o código. Seu cérebro começa a trabalhar, respeitando firmemente o princípio da ignorância:

1) Tocou a buzina, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO.

2) Tocou a buzina, tem carro querendo entrar, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO.

3) Tocou a buzina, tem carro querendo entrar, tem que abrir a garagem, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO.

4) Tocou a buzina, tem carro querendo entrar, tem que abrir a garagem, sou o porteiro do prédio, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO.

5) Tocou a buzina, tem carro querendo entrar, tem que abrir a garagem, sou o porteiro do prédio, minha função é abrir a garagem, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO.

E assim, através de um estranho silogismo, ele chega à conclusão de que é necessário abrir a garagem. Isso tudo leva uns quatro minutos. Fora o tempo que seus músculos necessitam para responder à ordem do cérebro: vá abrir a garagem. E quando seu corpo é todo obediência, uma máquina de abrir garagens, ele depara com o morador, muitas vezes na chuva, irritado, pedindo para ele abrir a porra da garagem. Isso o confunde: por que então buzinar três vezes, se os moradores gostam mesmo é de saltar do carro, na chuva e irritados, e pedir pessoalmente para eu abrir a merda de garagem?

Era esse o motivo de não nos darmos bem.

Eu passei a depender desse homem. Só ele poderia me salvar.

Célia desapareceu depois de nossa viagem a Santos. Talvez eu tivesse exagerado um pouco, mas isso não importava. Tinha chegado o momento de matá-la.

Acordei tranquilo, pensando que o crime poderia ser cometido no final da tarde. Minha vida tem uma matemática certa. Eu iria ao banco, almoçaria com minha mãe, visitaria as crianças, e depois mataria Célia. Pela manhã, esperei que ela me procurasse para marcar o encontro. Como até o meio-dia Célia não tivesse aparecido, toquei a campainha de sua casa. Achei estranho que ela tivesse saído. Ela não costumava sair pelas manhãs. Fiz as coisas que tinha que fazer. De vez em quando, telefonava da rua. Depois de deixar as crianças na casa de minha ex-mulher, voltei apressado para casa. Eram 17h. Toquei a campainha de Célia mil vezes, nada. Fiquei apavorado. E se ela tivesse morrido? Não, não poderia ser. Estava tudo bem, Célia tinha ido fazer compras. Sempre demorava

quando ia às compras. Tantas coisas para comprar. Voltei para casa e me dediquei à espera. Havia decidido: chegasse à hora que chegasse, Célia morreria naquele dia. Eu a mataria de qualquer forma. Ferimentos a bala. Cordas. Facas. Cortes. Punhal. Estrangulamento. Queimaduras.

Célia era muito medrosa. Não voltaria de madrugada. Tinha medo de ser estuprada. Ela vivia dizendo isso: desde pequena, seu grande pavor era ser estuprada. Gostava de comprar esses jornalecos, olhava bem a fisionomia das vítimas e me dizia que aquilo era o grande sofrimento, a dor. Dizia isso com tanta frequência que cheguei a pensar em contratar um fulano para fazer o serviço. Ele tocaria a campainha, ela abriria a porta e uma massa de músculos rasgaria a roupa dela, jogaria Célia no chão e a curraria com um cacete potente como um punho fechado. Eu havia planejado isso para Célia. Cheguei a ver o preço, não me custaria muito. Mas Célia não andava merecendo minha atenção.

A reta: Célia era medrosa. Não voltaria de madrugada porque tinha medo de ser estuprada. Eram duas da manhã, eu louco para matá-la. Entrei no seu apartamento e vasculhei tudo. Faltavam um vestido rosa e outro marrom, uma sandália de dedos preta, uma bolsa miúda, duas calçolas e uma maleta de viagem. Ela viajou. Mas para onde? Célia estava me punindo. Cordas. Assassino! Não confio em você! Célia, vamos ser felizes! Vamos morrer juntos! Você quer morrer, Célia. Eu quero matar. O telefone tocou. Quis atender, mas pensei nas consequências e evitei um deslize: um assassino tem que ser frio, pensar no futuro. 3:15. Quem ligaria para Célia de madrugada? Ela teria um amante? Estaria me enganando, a prostituta? Gorda ordinária, quem, além de um amante, ligaria neste horário? Vagabunda, você vai morrer! Eu senti um desejo puro, uma vontade sólida de matar. Facas, punhais, revólveres. Estricnina, cordas, punhais. Facas. Facas. Facas. Achei que era raiva em pó, que se dissolve na caminhada. Tenho muito disso. Uma raiva louca, um trem que passa na minha cabeça e vai embora. Às 3:30 o telefone tocou de novo. Dezesseis vezes. Célia, alguém te chama dezesseis vezes, alguém está desesperado, chorando, alguém sofre com

tua ausência, alguém te quer urgentemente, Célia, dezesseis vezes. Joguei-me no chão e chorei. Eu tinha o direito de chorar. Célia me abandonou. Fiquei sozinho. Aquela vontade louca de matar.

5h. Lavei o rosto e desci. O homem-lata poderia me salvar. Ele sabia aonde ela tinha ido, o que tinha acontecido, quando ela voltaria, pelo amor de Deus. NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO. Pelo amor de Deus, eu preciso de Célia. Eles eram amigos. Segredos me fazem perder a razão. Aos domingos, ela dava restos de pizza para ele. Cordas. Pastéis de feira em saquinhos. Bolos. Até me conhecer, o homem-lata era o único a experimentar os bolos de Célia. É impossível controlar os músculos do coração. Não são lisos. Sentimentos não são lisos.

O homem-lata estava sentado diante do interfone. NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO. Olhou em minha direção, sem interesse. Bom-dia, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO. Pedi um cigarro sem graça. Ele me estendeu o maço, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO.

Só então me dei conta de que não poderia lhe perguntar nada. Eu me entregaria se fizesse isso. Quando Célia fosse encontrada morta, ele diria: “Foi ele!”

Célia desapareceu, NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO.

Voltei para casa. Há muito tempo não me sentia triste. Melancólico. Célia. Cordas. *Bolus hystericus* ativo.

A traição nunca me comoveu. Ser traído por Célia tinha um significado terrível. Era como ser traído por Deus.

Lexotan. Dalmadorme. Valium. Tranxilene. Principalmente Lorax.

Tomei um punhado deles e dormi o dia todo.

10

A longa espera pode provocar uma ação inibitória nos músculos, no coração e na vontade. Eu estava paralisado, meu corpo encaixado na poltrona, ao lado do telefone. Não comia, não dormia, tomava calmantes de hora em hora e fumava três, quatro maços de Marlboro. Os dias emperraram. Ela me telefonaria, eu sabia disso. Era preciso ter paciência, esperar. Emperrado. Eu ficava olhando para a parede branca durante horas, esperando alguma coisa acontecer. O leão, a selva. Às vezes, o telefone tocava. Tremores. Sensações de queda. É Célia! Vamos, atenda! O telefone tocando e eu não conseguia me levantar. Músculos lisos. É Célia. Levante! Meu corpo não obedecia a ordem nenhuma. Silêncio. Desistiram. Sempre desistem. *Bolus hystericus* ativo. Era preciso admitir: eu estava deprimido.

Não gosto de esperar. Isso me faz sentir um maricas. Eu estava desgraçado, a realidade fugindo do meu controle, Célia fugindo de mim. Embora eu abominasse essa ideia, era como se eu vivesse uma ruptura amorosa.

Vez ou outra, bebia uísque e subia ao apartamento de Célia. Suas manias. Cheiro de velhice. Solitude. Tudo rigorosamente imóvel. Não chegavam cartas, o telefone não tocava. Sem visitas, sem compromissos. Eu me apavorava: se Célia morresse, não faria falta para ninguém. Só para mim.

Outra coisa me assustava: talvez ela quisesse romper o pacto. Talvez ela tivesse resolvido viver. Fantasias matrimoniais, cópulas, filhos, supermercado, contas, escolas, Deus me livre. Vi Célia me dizendo que a vida é bela, que está apaixonada, que o mar é azul. Não, isso nunca. Célia não desistiria de morrer por motivo nenhum. Nada era mais forte do que sua vontade de morrer. Célia tinha princípios, eu precisava acreditar nisso.

Havia ainda outra possibilidade para explicar sua ausência. Ela poderia não ter entendido nosso pacto. Poderia estar sofrendo, se sentindo vítima de ações malévolas, um delírio de perseguição sistematizado. Adoeci de tristeza. Nosso pacto era mais que isso. Eu matava, ela morria, era essa a nossa história.

Pensei no futuro: minha vida sem Célia. Tremores. Vertigens. Sensação de queda. Pode-se viver tranquilamente sem amor, mas não sem ódio. Surgiriam outras Célias, eu pensava. Nada me aliviava. Só a minha Célia eu queria matar. Isso era triste e definitivo: eu só poderia matá-la uma vez, uma única vez. Pouco para mim. Se ela morresse, só eu sofreria.

O porteiro passou a ser uma espécie de representante de Célia. Vez ou outra eu descia e ficava ali, na entrada do prédio. NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO. Sentia-me ridículo tentando conversar com aquela lata, cálculos e manobras engenhosas para tangenciar o assunto, em vão. Repulsão, repugnância, asco. Mas ele me tranquilizava. Lexotan, dalmadorme, valium. Principalmente lorax. Ele sabia de Célia, era seu amigo, seu protetor. Deus.

Até então, eu nunca tinha pensado concretamente no suicídio. Aquela tentativa com soníferos foi uma atitude infantil. Eu queria dormir apenas. Na ausência de Célia, passei a correr o risco de autoextermínio. Morte súbita para mim. Morte agônica para Célia, e morte civil para minha mulher. Eu me mataria com um revólver. Célia, sobrenome desconhecido, culpada! Deixaria um bilhete: A Célia é culpada. Outro bilhete: Célia, eu quis acabar com sua solidão. Você acabou com minha vida. Eu me matei por você.

Célia no meu enterro. Minha mulher a expulsaria, meus filhos a odiariam: foi ela!

Naquela época, eu sabia pouca coisa sobre armas. Conte três botões da camisa, de cima para baixo, e aperte o gatilho. É morte rápida e certa. Isso para homicídio. Para suicídio, o importante é encontrar áreas letais com bom ângulo de trabalho. Céu da boca, quarenta e cinco graus de angulação. No ouvido nunca. Corre-se o risco de ficar vivo e com

sequelas.

Era preciso comprar uma arma. Armas. Contundentes, cortantes, perfurantes, perfurocortantes, perfurocontundentes e cortocontundentes. É curioso como elas são temidas. Há pessoas que não podem sequer olhá-las. Poder vulnerante. Mauser, calibre sete vírgula sessenta e três milímetros. É mais vantajosa que um revólver. Mas os assassinos preferem revólveres, calibre trinta e oito, de tambor reversível, tipo Smith & Wesson. Gostam também do Taurus e Rossi, calibres trinta e dois e trinta e oito. São pequenos e leves. O que realmente me fascina nas armas são seus nomes: Pistoleta Flaubert, modelo Cyclist. Sistema Lefaucheux. American Model, calibre quarenta e quatro. Parabellum. Revólver Colt. Resolvi me matar com um Taurus trinta e oito.

CÉLIA Eu gostava dele, mas não quando se excedia no álcool. Era indomável. Fazia coisas horríveis. Uma vez, saindo de um restaurante, teimou com o porteiro, sem motivo nenhum. Ficou encarando o coitado e rindo. Esse cara está quase mijando nas calças, ele dizia. Todo mundo olhava, era meio constrangedor. Você tem cara de quem não mija há doze horas, ele insistia. O porteiro nem se mexia. Então ele abriu o zíper e começou a urinar no pé do sujeito. Foi uma confusão dos diabos. Fomos todos para a delegacia. Fora isso, era muito bom. Eu gostava de sair com ele. Ele sabia divertir uma mulher.

MINHA MULHER Meu marido era obcecado por colarinhos de camisa. Quase me levou à loucura. Hoje eu agradeço àquela gorda por ter nos separado. A separação foi por causa dela, não foi? Vocês sabem de alguma coisa? Ouvi dizer que estavam juntos. Bem, o que importa isso agora, não é mesmo?

PORTEIRO NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO!

PATRÃO !!!!!!!

JORNAL DO DIA O escriturário foi encontrado morto hoje às l6h. Os legistas descartam a possibilidade de homicídio. É certo que ele se matou. Deixou uma carta para a vizinha Célia, que deve depor, ainda hoje, na décima quinta. Ela vai ter que pagar por isso!

Minha morte era algo patético. Nem Célia sofreria.
Eu era estrangeiro. Estava farto. Um gosto de bunda na boca.

11

Primeira semana.

Célia estava desaparecida havia seis dias. O risco de autoextermínio parecia maior.

Os problemas de um assassino comum me faziam inveja. Gostaria que minha preocupação fosse apenas facas. Revólveres. Punhais. Que meu sentimento fosse medo. Ela queria morrer, eu queria matar, mas nos faltava oportunidade.

Resolvi tomar uma atitude. Subi ao apartamento de Célia, meti a chave na porta e constatei que tinham trocado a fechadura. Toquei a campainha. Ninguém atendeu.

Chamei o homem-lata e improvisei com desenvoltura: QUE haviam me telefonado do interior perguntando se eu poderia dar um recado para a senhora do 71, a dona Célia. QUE estavam tentando falar com ela há uma semana. QUE o telefone nunca atendia. QUE estavam preocupados. QUE atendi o pedido e toquei a campainha de dona Célia o dia todo. QUE não atendeu. QUE se ele soubesse de algo...

O homem-lata disse QUE eu poderia deixar o recado. QUE ele transmitia. QUE ela viajou sem dizer para onde. QUE ele não sabia de mais nada.

No outro dia, andei pelo bairro procurando por chaveiros. No segundo que entrei, descobri que o homem-lata tinha mandado trocar as fechaduras da porta social e de serviço do 71, a pedido da proprietária. O chaveiro perguntou se eu era da polícia. Menti, sou da polícia. Ele me contou QUE achou tudo estranho. QUE o porteiro o tirou da cama, dizendo que havia entrado ladrão na casa de dona Célia, QUE era preciso trocar a fechadura naquela hora, QUE era mais de meia-noite. QUE ele foi lá e trocou, mas que não viu a dona Célia. QUE o porteiro

parecia muito nervoso.

Dois e dois são quatro.

Havia muito tempo eu não chorava. Fiquei esperando o calhorda na esquina. Quando ele apareceu, meti o revólver naquela cabeça, sem vontade de matar. QUE ele contasse tudo.

O homem-lata me contou. QUE ele e Célia eram amantes. QUE Célia nunca foi virgem. QUE os dois tinham um caso há dois anos. QUE ela tinha vergonha dele. QUE ele tinha fome. QUE ela gostava de sexo anal. QUE ele era um merda de um porteiro. QUE ela dava dinheiro para ele. QUE ela dava restos de bolo, migalhas, pizzas. QUE ela o maltratava. QUE eles faziam sexo como dois animais. QUE ele gostava. QUE ele adorava. QUE ela era devassa. QUE ela ria alto. QUE eu entrei na história. QUE eu era melhor. QUE eu era rico. QUE eu era importante. QUE ele percebeu tudo, desde o início. QUE acabou tudo. QUE ela que quis acabar. QUE ele a matou sim. QUE não valia nada, a Célia.

Deixei o homem ir embora. Antes, perguntei como ele matou Célia. Ele falou QUE foi com porradas na cabeça. QUE cortou o cadáver em pedacinhos. QUE jogou tudo no rio. QUE ficou tudo boiando. QUE ele se sentiu bem. QUE ele era homem. QUE eu era um cornudo.

Voltei para casa chorando.

Célia, eu te perdoo tudo.

Eu te perdoo tudo. Servível, servomecanismo, servossistema. Eu perdoo tua imobilidade. Sandálias brancas. Gotículas de saliva, perdoo. Perdoo tuas mãos esponjosas, detergentes. Perdoo teu cheiro. Bifes. Crochê. Perdoo tuas manias. Solitude. Tudo eu perdoo. Mas jamais vou perdoar você ter deixado outro homem te matar. Jamais.

Trapus. Trápola. Traição.

Acordei tranquilo naquela noite. Meus olhos estavam úmidos. Eram lágrimas. Foi quando me dei conta de que chorava dormindo.

Depois da primeira semana sem Célia, passei a sofrer de terror noturno. Sonhava com ela agonizando numa cama de hospital. “Vamos

salvá-la, fique tranquila.” Braço, a agulha penetrando nas veias. Ela sorria. Havia um enfermeiro ao lado da cama, não era um estranho, eu o conhecia. Eu. O enfermeiro era eu. Eu era o enfermeiro que dizia: “Vamos salvá-la, fique tranquila.” Com isso eu sonhava. Sempre o mesmo sonho.

Eu não era matador. Não era assassino por benevolência. Não havia nenhum risco de heteroextermínio. Pseudópode. Pseudestesia.

Se perguntarem: “O réu, pelo seu estado psíquico, pode colocar em perigo os humanos que fazem parte de sua rotina?”

Podem responder que não.

12

Segunda semana.

Tenho um leão dentro de mim, um leão interior.

Eu fervo em água fria.

Sou crespo. Tenho o céu da boca aberto, a cabeça irritadiça. Minha pele é ruim, se me machuco, pedra, sangue, logo forma uma ferida. Bebo café o dia inteiro, café me faz assim. Sou crespo.

Tenho uma sede interna. Fumo. Oásis dentro de mim.

Célia estava piorando tudo. Eu passava o dia deitado, o leão dentro de mim.

Terça-feira recebi telegrama: PROBLEMAS FAMÍLIA PONTO VOLTO SEMANA QUE VEM PONTO DESCULPE NÃO TER AVISADO PONTO ASSINADO CÉLIA PONTO.

Pensei dois pontos estou salvo ponto.

13

Não sou suicidomaníaco. Sou suíço. Estrangeiro. Às vezes, numa crise suicida, tenho vontade de escovar os dentes. Quem quer se matar não se importa com isso. O telegrama de Célia encerrou definitivamente minha obsessão pela morte. O pacto estava de pé.

Uma semana, apenas sete dias.

Andava com aquele telegrama no bolso o dia todo: VOLTO SEMANA QUE VEM PONTO.

Esqueci de contar que Célia, quando está nervosa, fica levemente gaga. Ela me disse que, quando criança, sua mãe batia em sua cabeça com um cabo de colher de pau. Célia chorava muito, pois a mãe fazia isso sem motivo, de surpresa, atacando-a por trás, no escuro. Hoje Célia sabe que as porradas eram, na verdade, provas de afeto, pois a mãe as praticava como simpatia para curar a gagueira da filha. Sinto uma certa tristeza ao pensar nessa história, Célia, micro-obesa, levando porrada toda hora, aqui e ali, com a mãe surgindo das trevas, castigando-a e lhe ensinando o seu destino.

Célia, deve ser triste visitar a família. Volte, Célia, eu estou te esperando. Célia, meu amor, mandou-me um telegrama. VOLTO SEMANA QUE VEM PONTO.

14

Eu gosto do mar, mas areia me deixa nervoso. Também não gosto de guarda-sóis, cadeiras de praia e esteiras. Areia. Bundas besuntadas ao sol. Areia no bronzeador. Odeio tudo isso. Odeio Flórida, Miami, excursão, camisas estampadas e cervejinha. Sandálias havaianas, toppers, tenho horror. Entrar no carro pelando, cheio de areia. Calorificação, em geral, acho tudo uma merda. Suores. Água em abundância saindo de mim, escorrendo. Não gosto.

Estranha esta calorescência. A temperatura estava baixa, seis graus, dizia o rádio. Eu tremia. Célia me cobriu e me beijou a testa. Delinquir. O contato daquela boca liquenácea na minha face mudou meus planos. A mecânica do crime seria outra, decidi. Eu precisava de sangue. Violência. Aquele beijo me desencantou. Transformei-me num assassino comum. Bom-dia, a malevolência finalmente apareceu majestosa. “O que foi?”, perguntou Célia, com medo de me irritar. Levantei-me do sofá, sorri. Perversidade. Ela ficou preocupada, não costumo sorrir. Olá, príncipe das trevas, eu estou aqui. Fui até a cozinha, Célia pedindo para que eu me deitasse. “O médico”, ela dizia. Dizia muitas coisas, eu só escutava isso: o médico. Peguei uma faca, sem que ela percebesse, e voltei obediente. Deitei-me. O príncipe sorriu. O médico. Quando ela foi me cobrir, eu a ataquei. Ela se esquivou, caímos, rolamos no tapete. Foram dezenove facadas. Em cada uma delas, eu vibrava com o impacto, demônio, músculos, a lâmina de gume afiado produzindo lesões de grande profundidade. Célia morreu sem gritar. Não se sentia digna para gritar. E se gritasse, Deus não ouviria nada.

Passada a euforia, dei-me conta do que tinha acontecido. Eu havia jogado tudo no lixo, todos os meus planos, minha pesquisa, todo um projeto maravilhoso de matar Célia afogada na banheira, um crime perfeito, por dezenove facadas. Troquei uma morte lenta e bela por

dezenove facadas. Uma estupidez, e no entanto tenho que confessar: eu gostei.

Hoje tenho absoluta certeza de que os crimes comuns são os que dão mais prazer aos homicidas. É uma reação em curto-circuito, a coisa explode no sangue e você aperta o gatilho. É a queda do caráter. Da família. Do bom-senso. Crimes artísticos, como o da banheira, dão um outro tipo de prazer. É arquitetura, ciência, degustação, autoestima. Não há nenhuma queda. É como tomar o primeiro uísque numa festa ruim e ver que todos aqueles idiotas podem afinal te divertir.

Um assassino não deve deixar nada para os peritos. Sangue, fios de cabelo, fragmentos de pele, digitais, esperma. Eles se alimentam disso. Os peritos são a bactéria do sistema judiciário. E eu não estava disposto a alimentá-los.

O corpo de Célia era muito pesado e foi difícil arrastá-lo até a cozinha. (Esta é a grande desvantagem dos crimes passionais: o cadáver passa a ser um problema do assassino. Num crime artístico, o cadáver é problema da família, da polícia, IML etc.) Voltei para a sala, acendi um cigarro, preparei um uísque, o tapete encharcado de sangue. Vaca, havia sangue por toda a parte. Não me desesperei. Abri a geladeira, peguei todo o gelo disponível. Arranquei o tapete da sala e o meti no tanque, com o gelo cobrindo a mancha. (Minha mulher fazia isso com minhas camisas e com as roupas das crianças.) Limpei tudo, objetos, mesas, cadeira, sangue e impressões digitais. Não foi fácil desmontar o corpo de Célia. Usei quatro tipos de faca, uma especial, com serrilha, para os ossos e juntas. Cortei a cabeça (que coisa difícil!) e as pernas. Ia também cortar os braços, mas aquelas mãos gordas, mortas, as unhas pintadas, me deixaram muito impressionado. Os cadáveres têm mãos assustadoras. Coloquei a cabeça e as pernas numa caixa onde minha ex-esposa guardava enfeites de Natal. Num velho baú de brinquedos das crianças (desculpem, queridos) tentei colocar o tronco de Célia. Impossível, Célia era gorda, não cabia. O cadáver poderia ser cortado em tiras, mas daria muito trabalho e eu queria resolver tudo naquela noite mesmo. Subi até o apartamento de Célia, peguei vários sacos plásticos gigantes (desses de

lixo, pretos, Célia tinha dúzias deles) e fita adesiva para empacotamento. (Depois fiquei pensando: por que ela comprou aquelas fitas? Destino.) Fiz um embrulho perfeito. Coloquei tudo no carro. Ninguém me viu, já era mais de meia-noite. No dia seguinte, acordei bem cedo. Fui ver o tapete onde Célia morreu. A mancha de sangue estava pálida, uma sombra apenas. Achei melhor não arriscar. Telefonei para uma loja de carpetes, falei com a vendedora, uma conversa simpática, aquele papo besta que funciona com vendedora. Deixei ela escolher a cor, sou separado, disse, não entendo de decoração. Grafite, ela disse. Ótimo, grafite. Odeio grafite. Ela me prometeu que eles estariam em casa no dia seguinte e em dez horas me entregariam o apartamento carpetado. O cheque eu deixaria com o homem-lata. Desci para a garagem, levando comigo o tapete, uma mala pequena com roupas de banho, material para pesca, álcool e fogo. Entrei no carro feliz, o dia estava bonito, eu me sentia disposto, embora tivesse dormido poucas horas. Fui para Piriguaba, uma praia deserta, a cem quilômetros de Ubatuba. No meio do caminho, vi uma estradinha de terra, entrei. Peguei a caixa com a cabeça e as pernas de Célia, o tapete, molhei tudo com álcool e ateei fogo. Mais tarde, dei entrada numa pousada simpática, barata, dormi até as 17h. À noite, saí para comer algo, conheci uns fulanos da região e aluguei um barco para o dia seguinte. Pensei que teria insônia, mas meu sono estava ótimo. Dormi a noite toda, sonhei com Roberto, do cartório, a mulher dele, um aniversário de criança, tudo tranquilo. Acordei de madrugada, antes dos pescadores, e fui para o mar, levando os restos de Célia comigo. Quando o dia amanheceu, eu já estava bem longe da costa. Atirei o pacote na água. Pesquei o dia todo e voltei para a aldeia no final da tarde. Passei mais três dias lá. O barco me levava, horizontal. Eu estava confuso, cansado. Expirações súbitas. Uma sensação de fraqueza, como se meu conteúdo estivesse sendo desperdiçado. Imobilidade. Meu peito doía. Sentia vontade de tossir, mas não tinha forças. Minhas costas doíam. Insuficiência e hipertrofia, uma merda.

Claro. Branco. Ferro. Abri os olhos e vi que estava num hospital. Ela segurou minhas mãos. Soro na veia.

Hipótipo. Hipotomia. Hipotipose. Célia chegou de viagem bem mais gorda. Hipopótamo. Você está bonita, hipopétala.

15

Hipótipo. Hipotomia. Hipotipose. Célia voltou de viagem mais gorda. Você está bonita, hipopétala.

Célia me contou o que tinha acontecido.

Há três dias, chegou de viagem. Interfone. Campainha. Telefone. Eu nunca atendia. O homem-lata informou que eu estava em casa. Arrombaram a porta e me encontraram inconsciente, quarenta e um graus de febre. Levaram-me para o hospital. Pneumonia dupla. Dupla, *on the rocks.*

Pedi um espelho. Ela tirou um da bolsa e o colocou diante de mim. Eu estava magro, pálido, com olheiras. Célia estava gorda, vermelha, saudável. Fluxo vital invertido. Eu morria, ela matava.

O médico entrou no quarto e disse que logo eu estaria bom. Fiquei aliviado. Não queria morrer. Não me lembro exatamente do que aconteceu na semana que antecedeu a chegada de Célia. Só me lembro de uma sensação agradável, uma felicidade física. Febre. Tenho quase certeza de que não provoquei minha doença. Foi um acidente. Barcos.

A reta. Eu não tinha força nem para ouvir. Ficava observando Célia se movimentar pelo quarto, cuidando de mim, me lavando, me trocando, tirando minha temperatura, me dando remédios, almoço, jantar, trazendo revistas, jornais, ligando televisão, ajeitando travesseiros, tudo. Vicariantes. Eu e Célia somos glândulas duplas. Se uma deixa de funcionar, a outra trabalha duplamente.

Em nenhum momento eu dizia “obrigado”. Por nada. Por mais que ela fizesse. Não me sentia grato, era obrigação dela. Célia não agia por bondade, tinha interesses claros. Ela me salvava para que eu pudesse matá-la. Ela precisava de mim, o pacto. Voltou para morrer. Todos os problemas tinham sido resolvidos na viagem: testamento, transferências, túmulo, contas e burocracias. Ela queria morte súbita, não civil. Pagar

todas as contas em dia. Luz, água, telefone. Morrer em paz com os credores. Impostos, INPS, tudo. Por isso viajou. Caráter, honradez, pundonor.

O convívio com Célia despertou minha irritabilidade. Eu não conseguia sair da cama, sentia-me fraco. Célia tirava minha cueca, me lavava, me trocava, eu me sentia inferior por estar dependente de uma gorda inútil. Além disso, minha doença estava dando uma função a Célia e isso poderia comprometer nosso pacto.

Até eu ficar doente, Célia era uma unidade biológica branda, angustiada, insegura e ignorante. Nunca teve nenhuma função. Sua função era fazer bolo de laranja, ir ao banco, tomar banho. Agora não, agora ela tinha uma missão, salvar um homem, uma vida, a espécie humana. Quem visse Célia se movimentar pelo meu quarto, com tanta agilidade, autoridade e determinação, poderia pensar que aquilo era um escritório financeiro da Quinta Avenida. Ela parecia uma corretora da Bolsa de Valores. Isso me deixava maluco. Pode-se esperar tudo de uma mulher que se sente útil.

Passei a maltratá-la com frequência para que ela sempre se lembrasse de sua condição primária, animal, unicelular. Várias vezes eu a expulsei do quarto, aos berros. Disse-lhe coisas que nunca pensei dizer a nenhuma mulher. Célia, eu prometo. Nunca mais. Me desculpe. Eu estava nervoso. Será que você não consegue entender? Célia sempre me entendeu muito bem.

Eu evitava encará-la, principalmente depois das brigas. Mas quando nossos olhos se cruzavam, ela sorria. Nunca entendi isso. Sorria simplesmente. Eu não mexia sequer um músculo do rosto. Fuzilava apenas. Ela baixava os olhos e oremos todos!

Meu sistema nervoso era constantemente bombardeado pela sua mania de falar tudo no diminutivo e com entonação infantil. Célia percebia minha irritação. Tentava ficar invisível, andava na ponta dos pés, sem fazer barulho, falava baixo, controlava a respiração. Boquinha. Remedinho. Comidinha. Soninho. Molhava a ponta do dedo na língua e tirava uma manchinha da mesa de cabeceira. Apertava uma das mãos

contra a outra, sem saber onde enfiá-las. Quando eu acordava, ela corria para perto da cama. Au au au. Eu sempre tinha a impressão de que ela ia latir.

Célia tem um triturador de realidade dentro de seus miolos. Reduz tudo a pó. Às vezes, tenho a impressão que ela é feliz. Que nunca pensou em morrer. Que nunca fez pacto comigo. Que é tudo uma invenção minha.

Será que Célia é feliz?

16

Dois garotões queimados de sol aprendiam a velejar nos mares de Piriguaba. Modernos, naturais, ecológicos, ficaram furiosos ao ver um saco de lixo boiando nas águas. Malditos turistas. Decidiram recolher a porcaria. A porcaria era pesada, além disso, que merda era aquela, uma fita adesiva, ninguém fecha um saco de lixo com fita adesiva. Desconfiados, violaram meu pacote e descobriram o tronco de Célia. Sem pernas, sem cabeça. Chamaram a polícia, Piriguaba virou um inferno. Cercaram tudo, fizeram buscas no mar, conversaram com todos os pescadores. Eu, em São Paulo, lia as manchetes dos jornais. O que o assassino teria feito com a cabeça do cadáver? E com as pernas? O monstro do mar. Tubarão. Decepador. A imprensa adora carnavais.

As mãos de Célia foram para a Alemanha, ela deve ter ficado feliz, sempre sonhou com viagens internacionais. Os alemães usaram laser de íons de argônio, recuperaram as impressões digitais da vítima. Comecei a ficar nervoso com o rumo da história. Nos outros cadáveres não se usava tecnologia alemã, que espécie de idiotice era aquela, por que justamente com Célia? Os hi-tech mandaram as digitais ao Brasil. Célia, condenada por homicídio duplo, marido e filho, tinha suas impressões na polícia. No dia seguinte, sua identidade foi revelada em todos os jornais, telejornais (o homem-lata apareceu na TV!), rádios, revistas, o país inteiro passou a chorar pelo drama de Célia Palhares, cinquenta e três anos, solteira, professora aposentada, encontrada boiando nos mares de Piriguaba.

Washington ou Wellington ou William ou Wilson (tenho certeza de que era um W), o investigador encarregado do caso, ficou sabendo, através de um pescador, que um barco havia sido alugado por um homem de São Paulo no dia 2. O filho de um caiçara vira este homem colocar um embrulho no barco. Um embrulho preto, ele se lembra bem.

Ninguém sabia nada sobre este homem. Seu nome, nada. Era alto e

forte. Foi tudo que o pescador dono do barco conseguiu lembrar. Estava terrivelmente bêbado naquela noite.

É o que eu disse, não vivemos na Alemanha. Não adiantaram nada os íons de argônio. Célia só conseguiu falar o seu nome. Mais nada.

Continuo me exercitando.

Surpresas me fazem perder a razão.

17

Gosto de lençol trocado, cheiro de detergente. Gosto de hospital. Gosto especialmente de enfermeiras. Lexotan, dalmadorme, valium, tranxilene. Principalmente lorax.

Eu estava me sentindo bem, deveria receber alta logo. Comia muito. Tomava Amoxil. Ceclor. Keflex. Dormia quase o dia inteiro. Não entendi por que o médico pediu outro raio X.

À tarde, ele entrou no meu quarto com ar preocupado. Quero falar com o senhor. Diagnóstico radiológico. Não há motivos para ficar nervoso. Procedimento cirúrgico.

Instalada ao lado de minha cama, Célia ouvia. Ele disse que eu tinha nódulos solitários. Massas redondas que se abrigam no pulmão. Massas solitárias. Circulares. Nesse caso, o procedimento é cirúrgico. Anestesia geral. Podia ser benigno. Podia ser maligno. Eu tinha certeza, era maligno.

Se não fosse a anestesia geral, eu deixaria que arrancassem do meu peito os tais nódulos solitários. Deviam ser muitos. Eu podia senti-los. Uma cirurgia poria em risco meus planos de matar Célia. Isso era inadmissível por vários motivos, mas principalmente porque Célia passou a ter dó de mim. Canceroso. Repito: Célia ficou com dó de mim. Terminal. Célia, unicelular, sem notocórdios, com piedade de nós. Fiquei colérico. Eu estava piorando e a culpada era ela. O ódio se alimenta de fígados e estômagos. Eu praticava exercícios de homicídio para matá-la e minha saúde piorava. Perdemos enzimas ao odiar. Por isso, eu estava apodrecendo naquele hospital.

A reta. A cirurgia em si não era problema. O problema era a anestesia geral. As drogas, derivadas de morfina, são metabolizadas pelo fígado, ódio. Cada organismo reage de uma forma. Se eu não metabolizasse direito, correria o risco de não acordar nunca mais.

E quem mataria Célia?

Célia chorava pelos cantos do quarto. Viúva. Eu, um colérico terminal. Inválido. Ela sofria por mim. Eu sofria por ela. Estávamos assim, casados.

Tomei uma decisão. Eu sairia do hospital, mataria Célia e depois voltaria para fazer a operação. Se eu morresse estaria em paz com os credores. Pundonor, honradez, sou assim, tenho atestado de bom caráter.

Faria tudo naquela noite, não queria mais esperar.

Célia, quando você foi comprar jornal, o médico veio aqui novamente. Disse que é melhor não operar. Soluços. Que eu ainda tenho alguns meses de vida, que a operação pode piorar meu quadro. Nódulos solitários geralmente são raivosos. Soluços. Massas circulares. Malignas. Soluços. Pare de chorar ou vá chorar no banheiro. Soluços disfarçados. Quero voltar para casa. Quero que você me leve para casa. Quero você. Quero esquecer. Sabe, Célia, eu nunca te disse isso, eu te amo. Com certeza, eu te amo. Inteiramente.

Voltamos para casa. Eu e Célia.

Os homens são assim. Frios. Canalhas.

18

A polícia já tinha concluído o inquérito de Célia Palhares, sem conseguir indícios que levassem ao autor do crime. O promotor de Justiça já havia até pedido o arquivamento dos autos.

A situação era esta, quando o pescador de Piriguaba procurou novamente a polícia. Ele se lembrou de ter visto o mesmo homem que alugou seu barco, dois dias depois, no supermercado de Ubatuba. A polícia conseguiu uma lista de todos os cheques que o supermercado recebeu naquele dia. Apenas quatro não eram da cidade. Um era o meu. Mesma cidade, mesma rua, mesmo endereço da vítima. Areia. O porteiro do meu edifício confirmou que eu havia viajado naquela ocasião, para a praia talvez. Ele contou que na volta da viagem havia lavado meu carro e que havia muita areia no piso. Justo areia.

Pescador, porteiro, garagista, manobrista, vendedor ambulante, garçom... desprezo toda essa gente que me chama de doutor.

Quando abri a porta, dei de cara com dois policiais. Contundentes, cortantes, perfurantes, perfurocortantes e cortocontundentes. Tinham uma ordem de prisão contra mim. Tentei escapar pela porta dos fundos, fui pego e algemado.

Neguei três vezes. Mas a polícia escancarou minha vida, armários, rotina, revirou tudo, arrancou carpetes, descobriu sangue no assoalho, comparou-o com o do cadáver e tudo saiu como eles queriam.

Tive que confessar. Não pelas provas. Queria mesmo que se fodessem. Gosto de pisar em cadáveres.

Agora, estou aqui no manicômio. Meu advogado me orientou. Eu não suportaria prisão comum, ele disse. Era melhor que me considerassem louco.

Artigo 10, número 2: “São irresponsáveis os loucos que não tiverem intervalos lúcidos.” Acho isso bonito, poético até. Não ter intervalos

lúcidos.

Os médicos dizem que sou um psicopata do tipo desalmado, mal-humorado e triste. Reações em curto-circuito. Meu nervosismo é constitucional, biológico, o que quer dizer que não tenho culpa nenhuma. Não tenho “noção de culpabilidade”.

Queriam saber por que matei Célia.

Matei Célia por vários motivos, mas principalmente porque acredito que todo homem deve cometer ao menos um homicídio. É um exercício necessário, libertador.

Às vezes, minha mulher e meus filhos vêm me visitar. Só de lembrar aquele som de desenho animado, a família rezando no supermercado, fico feliz de estar aqui. Gosto deste local. Não quero ir embora. Passo o dia fazendo coisas que me agradam, como marcenaria, por exemplo. Serrazinando. Fiz uma cadeira linda que dei de presente para a minha médica. Ela é uma mulher bonita, loira, inteligente. Tenho uma atração psíquica por ela. Sei que gostaria de fazer sexo comigo, e que isso vai acabar acontecendo.

É uma questão de tempo. Por enquanto apenas espero. O que elimina o risco de hetero ou autoextermínio.

A espera, me ensinaram, tem um efeito paralisante.

19

Ainda sou pontual.

Célia falou para eu chegar às oito horas. Apertei a campainha e lhe dei flores. Célia gosta de flores. Enxugou as mãos no vestido. Recebeu-me com tudo no diminutivo: gorda, arrumada e limpa.

A mesa estava posta. Abri um vinho, brindamos.

Um minutinho só. Vez ou outra, ela saltitava até a cozinha para regar o frango. Microgotículas de suor em seu buço. O batom ultrapassou os limites da boca. Célia, se eu fosse você, eu desistiria.

Célia estava mais tímida do que o normal. Estava nervosa, na verdade. Nós dois sabíamos. O pacto. Eu matava, ela morria, era essa a nossa história. Ela colocou um disco do Roberto Carlos. Achei engraçado. Célia me sorriu latindo.

A despedida ocorreu num ritual digestivo como queria Célia. Silêncio. Salada de alfafa, tomate, ovo, maionese. Silêncio. A boca de Célia engordurada. Tilintar de talheres. O frango assado, arroz com milho, você cozinha bem, Célia, farofas com uva-passa. Domingo. Passe o sal. Ela come com os dedinhos levantados. Lavar carro. Silêncio. Sobremesa, sorvete. Colheradas. Silêncio. Café. Silêncio. Tão familiar. Eu odeio tudo isso. Descobri por que Célia estava hipertímida. Ela tingiu o cabelo. Para mim. Ficou no sofá, imóvel. Sentei-me ao seu lado, rocei meu dedo em seus seios. Seis seios. Cordas. Tiloma. Célia não responde. Apenas servível seu corpo nu. Célia é lerda. Pobre de impulsos. Fracassa com facilidade. Fibras membranosas. Hálito de frango, óleo. Ela é biologicamente insuportável. Himenoliquens. Ela não queria. Mas eu queria. Então ela queria. Emprestava minha vontade por obrigação. Colocou sua mão em minhas coxas. Segurou meu pênis. Quis beijar minha boca, mas eu não deixei. Beijo de língua, nem fodendo. Ela entendeu. Cheguei a sentir certa pena. Uma massa branca, delicada,

lactífaga. Inferioridade congênita. Acho que era por isso que Célia queria morrer. Era por isso que eu estava lá.

O interior de Célia era impressionante. Calor atômico. Era como se meu pênis estivesse numa selva, himenocarpo, himenocarpindo, ela gozou.

Célia, vamos tomar um banho juntos. Ela não quis. Ora, Célia, que bobagem! Ela resistia. Não três vezes, risinhos. Comecei a ficar nervoso. Cólera aguda. As patas ferindo o assoalho. Levei-a quase à força para o banheiro. Entre, Célia! Ela estava apavorada. Sua gorda estúpida, entre nessa banheira ou eu arranco os seus miolos. Célia começou a chorar. Dei um soco em seu rosto, Célia caiu. Sangue na boca. Apertou os olhos, levantou-se e entrou na banheira. Chorando. Pare de chorar. Pelo amor de Deus, pare de chorar. Célia chorava convulsivamente. Sensação de queda. Abalos. Tremores.

Tudo o que eu tinha que fazer era puxar Célia pelos pés, de modo que a água entrasse subitamente pelo nariz. Ela perderia a consciência. Aja, seu merda. Os carimbos voltaram violentos. Trens. Apontavam vários tipos de movimento: acelerado, periódico, radial, difluente, cíclico. Escolha um. Trem. Trens.

Facas. Revólveres. Punhais. Estricnina. Cordas. Ordenei-me: PUXE-A PELOS PÉS. Mãos nulas. Movimento estático. Ela parou de chorar, limpou os olhos. Sorriu tímida. Flexível. Cálida. PUXE-A PELOS PÉS. Bloqueio dos estímulos musculares. Mãos inúteis. Meu conteúdo sendo desperdiçado, a vida inteira. PUXE-A PELOS PÉS. Bloqueio do sistema nervoso. Imobilidade biológica. Dedinhos. Ódio, eu sentia. Eu sabia, a anestesia geral. Tenho problema renal, por isso não metabolizei os derivados de morfina. Meu conteúdo vazando, provocando uma paralisia. Paralisia infantil. Morte fabricada. Era preciso voltar à vida. Não poderia voltar rapidamente, era preciso primeiro superficializar a anestesia, com cloridrato de nalorfina. Recuperar os estímulos dolorosos. Recuperar os estímulos respiratórios. Recuperar a vontade, a potência. Célia me olhava, sem compreender. Fez uma concha com as mãos e brincava com a água. Melancolia. Movimentos ameboides.

UM SIMPLES PUXÃO APENAS. Os médicos concluiriam que Célia sofrera um ataque cardíaco. Inconsciente, ela se afogara. Era simples. Da banheira, transbordava compreensão.

Inédia. Inerrante. Inerme. Inervação. Bloqueio de todos os sistemas. Desligo, câmbio.

Sabe, Célia, eu tenho um leão interior. Um leão dentro de mim. Meu sangue é pesado. Sou um canalha, Célia.

Todos os sistemas desligados. Potência, impulsos, zero. Bloqueio total. Câmbio, desligo!

Virei as costas e fui embora.

Célia ficou lá. Uma massa branca boiando. As mulheres são assim. Estúpidas.

20

Nódulos solitários. *Bolus hystericus.* Lobos, enfim.

Fui andando pela rua. Sou inversivo.

Não havia mais volta. Sou inversivo. Não mataria Célia.

Sou inversivo. Não voltaria mais para aquele prédio, aquele apartamento. Sou inversivo. Sou pobre de impulsos. Fracasso com facilidade. Sou inversivo.

Sou inversivo. Eles matam, eu morro. Este é o meu trajeto.

Parei na banca de jornal para comprar cigarros. Estrangulador da Lapa faz sua sexta vítima etc. etc. etc. Havia muito sangue em seu vestido, que estava todo rasgado etc. etc. etc. Violenta hemorragia na vagina e no ânus. Fulana de tal foi vista pela última vez, por uma colega de faculdade, perto de sua casa, conversando com um homem de idade indefinida. Sexo é bom.

Queria tomar um café, sou viciado em café, desde criança. Olhei nos arredores procurando uma padaria. Que coincidência. Eu estava diante de uma delegacia de polícia. Achei que era uma boa oportunidade. Entrei, mandei chamar o delegado.

Veio um sujeito gordo, porco, suado. Nunca vi um delegado elegante. “O que foi?”, perguntou pingando.

“Vim me apresentar espontaneamente. Eu sou o estrangulador da Lapa.”

Ele ficou me olhando assustado.

Facas, punhais, revólveres, estricnina. Facas. Facas. Facas. Que coisa desagradável: eu continuava com aquele gosto de bunda na boca.



PATRÍCIA MELO é roteirista, dramaturga e escritora e em 1999 a *Time Magazine* a incluiu entre os cinquenta líderes latino-americanos do novo milênio. *Acqua toffana* é o primeiro de seus sete romances publicados, seguido de *O matador* – vencedor do Prêmio Deux Océans e Deutsch Krimi, *Elogio da mentira*, *Inferno* – Prêmio Jabuti, *Valsa negra*, *Mundo perdido*, *Jonas o copromanta* e *Ladrão de cadáveres*.